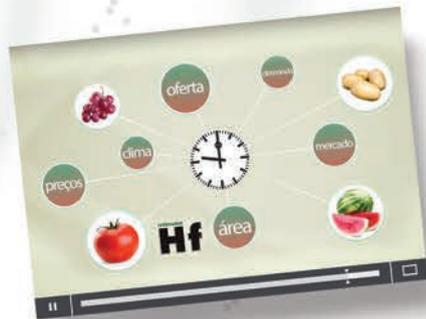


ANUÁRIO 2017 • 2018

ASSISTA AO CONTEÚDO
DA HF BRASIL
COM UM CLIQUE!

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



CONFIANÇA NÃO SE COPIA. NEM RESULTADOS.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receituário agrônômico. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

As marcas com ®, ™ ou SM são marcas da DuPont ou de afiliadas. © 2017 DuPont.

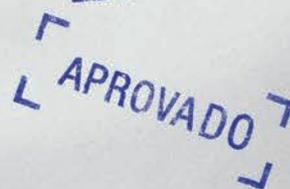
Saiba mais:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

FIQUE COM O ORIGINAL: CURZATE®



25 SET. 2017



Quando o clima favorece o surgimento de doenças, o que você faz? Arriscar, nem pensar: aplica Curzate® — o original da DuPont™. Há mais de 25 anos, Curzate® é a escolha certa para o controle preventivo da requeima em Batata e Tomate, do míldio na Cebola e Uva, e de outras doenças. Por isso, quem quer prevenção de verdade, fica com Curzate®, que você sabe que funciona e conhece quem faz: a DuPont™.



MISTURA PRONTA: AUXILIA
NO GERENCIAMENTO
DE RESISTÊNCIA



AÇÃO SELETIVA

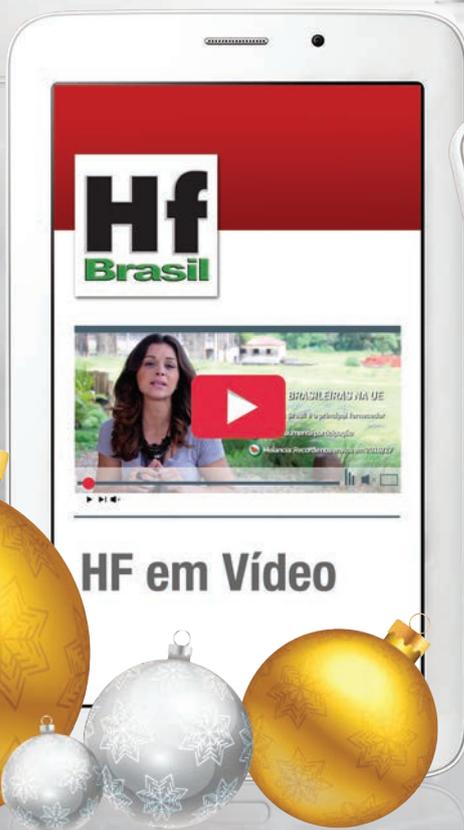


AÇÃO SISTÊMICA
LOCAL

DuPont™
Curzate®
fungicida



DÊ UM **PLAY** NA HORTIFRUTI BRASIL EM 2018



Confira toda a programação da HF Brasil no site www.hfbrasil.org.br e no canal do YouTube (Hortifruti Brasil)!



Caroline Ribeiro

Jornalista e editora de redes sociais



Mariana Coutinho

Analista de marketing



**EQUIPE DE
COMUNICAÇÃO
DA HF BRASIL**



Daiana Braga

Jornalista e editora executiva

A HF Brasil a um clique!

Todo o conteúdo de mercado de frutas e hortaliças produzido pela HF Brasil já pode ser visto em vídeo. Além dos já consolidados **Minuto HF**, com projeções de mercado de frutas e hortaliças para o próximo mês, e do **HF em Vídeo**, que traz os destaques de cada edição da revista Hortifruti Brasil, em 2017 também lançamos o **HF Brasil Entrevista**, com depoimentos de importantes agentes do setor, e o **HF Brasil Palestra**, com os pesquisadores do Cepea retratando as principais projeções do setor. E não paramos por aí: além de continuarmos com esses programas em 2018, produziremos também o **HF Séries**, com assuntos temáticos sobre conteúdos relevantes do setor hortifrutícola.

Seguindo a proposta de integrar os conteúdos publicados na revista Hortifruti Brasil ao público *on-line*, a equipe de analistas de mercado preparou uma série especial deste **Anuário 2017-2018**: vídeos inéditos com as principais perspectivas de mercado para 2018, que você pode assistir em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista.

Na próxima página,
saiba como receber nossos
vídeos em seu smartphone!

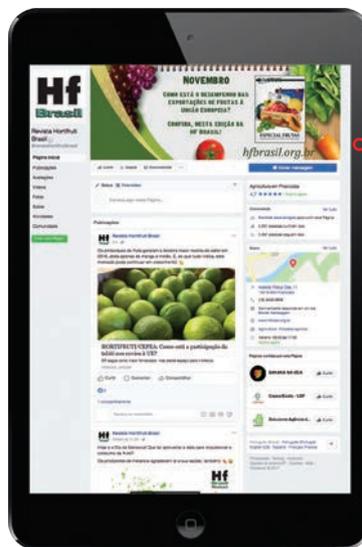
OS NÚMEROS DA HF BRASIL NA REDE EM 2017

Os números não mentem: mais e mais leitores estão acompanhando a HF Brasil nas redes sociais! Ao longo de 2017, muitas pessoas curtiram nossa página no Facebook, nos seguiram no Twitter, assistiram aos nossos vídeos no YouTube, acompanharam todas as nossas informações no site www.hfbrasil.org.br, mandaram fotos e interagiram conosco pela WhatsApp!



20 mil 

Usuários que acessaram o site em novembro/17



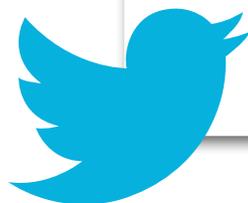
21 mil

pessoas alcançadas no Facebook em novembro/17



5.300 

curtidas no Facebook*
f/Revista Hortifruti Brasil



1.368

seguidores no Twitter*
@hfbrasil 



HF em Vídeo: Há espaço para exportarmos mais frutas à EU?

Hortifruti Brasil

99 visualizações



Hortifruti Brasil

9.500

Visualizações no canal do YouTube em 2017 (até novembro)

3.600

Acessos das notícias (somente as rastreadas) da HFBRasil via Whatsapp



Hortifruti Brasil no WhatsApp

A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99128.1144**



Celso Ricardo - Marmelópolis (MG)



Everton Silva - Magé (RJ)



Fábio Cardoso - Mucugê (BA)



Claudinei Cesarino - Ribeirão Branco (SP)



FAÇA PARTE DA NOSSA #LISTAHF NO WHATSAPP!

Quer receber toda semana os vídeos da HF Brasil pelo WhatsApp? Então veja como participar da #LISTAHF!

1º



2º



3º

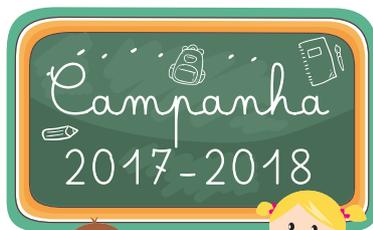


Obs: Seu número não será exposto e também não será incluído em nenhum grupo de discussão do WhatsApp.

Valorize seu pequeno
na agricultura!



Ana Júlia Almeida Cantillo
- Carnaubal (CE)



Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail hfcepea@usp.br ou pelo WhatsApp (19) 99128.1144!



Gabriella Paifer Bezerra -
Sorocaba (SP)



Miguel Fiorin -
Vista Alegre do Alto (SP)



Raul Schonemberger -
Cosmópolis (SP)



Pedro Henrique Nora -
Caçador (SC)

ÍNDICE

ANUÁRIO

SEÇÕES

TOMATE	14
ALFACE	18
CENOURA	20
BATATA	22
CEBOLA	28
MELÃO	32
CITROS	34
MELANCIA	37
MAMÃO	40
MAÇÃ	42
MANGA	44
BANANA	46
UVA	48



A retrospectiva de 2017 e as principais projeções para 2018 dos HF's estão nesta edição, confira!

HF BRASIL NA REDE



Hf www.hfbrasil.org.br
19 99128.1144
Hortifruti Brasil
[@revistahortifrutibrasil](https://www.facebook.com/revistahortifrutibrasil)
[@hfbrasil](https://twitter.com/hfbrasil)

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico: Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editores Científicos: Margarete Boteon

Editores Econômicos: João Paulo Bernardes Deleo, Leticia Julião, Fernanda Geraldini Palmieri e Marina Marangon Moreira

Editora Executiva: Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável: Alessandra da Paz Mtb: 49.148

Revisão: Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Beatriz Papa Casagrande, Caio Vinícius Piton Torquato, Caroline Ribeiro, Fernanda Geraldini Palmieri, Giulia Gobbo Rodrigues, Heitor Araujo Cintra Inacio, Henrique Sarmento Aires, Isabela Fernanda Luiz, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lenise Andresa Molena, Lívia Rebeca Luz da Silva, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariane Novais Olegário de Souza e Rogério Bosqueiro Junior

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@cepea.org.br
www.hfbrasil.org.br

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Quando chega o calor, **essa dupla se destaca**



Alface americana

LAUREL

- Elevada sanidade
- Cabeça compacta
- Ótimo padrão de mercado

Alface americana

ASTRA

- Alta sanidade foliar
- Cabeça compacta e pesada
- Indicada para processamento e mercado fresco

NOVA SÉRIE

CONHEÇA OUTRAS VARIEDADES DA NOSSA LINHA



● Alface Crespa
Camila



● Alface Lisa
Regina 500



● Alface Mimosa
Imperial



● Alface Mimosa
Imperial Roxa



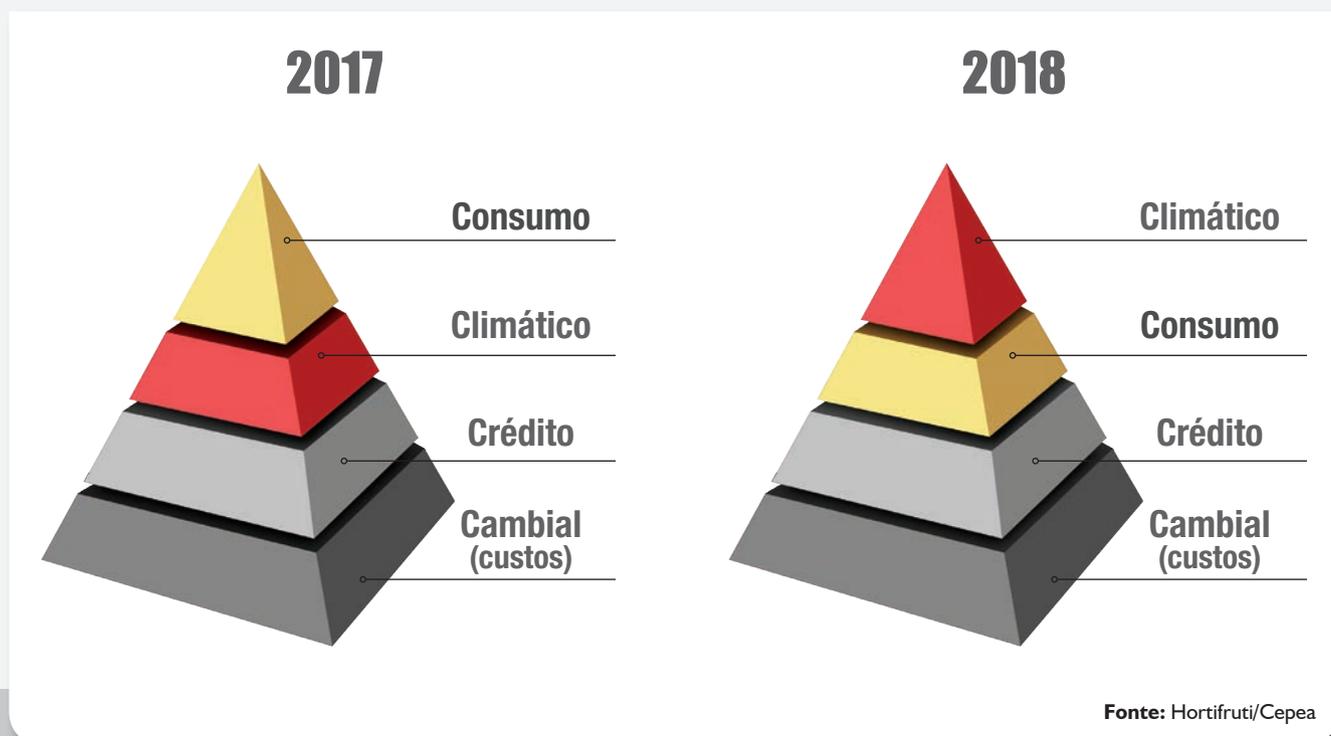
● Alface Roxa
Red Star

2018 DEVE SER UM ANO MELHOR

Apesar das incertezas climáticas no verão de 2018, diante da possibilidade de uma *La Niña* de intensidade moderada, a menor área prevista no setor de frutas e hortaliças e a perspectiva de um cenário eco-

nômico mais favorável são sinais de um ano melhor para a hortifruticultura. No geral, em termos de renda, o desempenho em 2017 foi inferior aos observados em 2015 e 2016.

PRINCIPAIS FATORES QUE AFETAM O SETOR DE HF: 2017-2018



Fonte: Hortifruti/Cepea

As pirâmides acima relatam os fatores-chaves (o topo da pirâmide é o principal) que afetaram o setor de HF em 2017 e os que mais podem influenciar em 2018.

2017 Ano de baixa rentabilidade para os HF's

A maior oferta de HF's em 2017 tornou mais evidente o enfraquecimento do consumo do brasileiro. Desde o início da crise econômica brasileira, em 2015, em termos de rentabilidade, 2017 foi o pior ano aos produtores de **HORTALIÇAS**. O clima (exceto na região do semiárido) foi mais favorável à oferta das hortaliças (em especial no inverno), e isso gerou excedentes de produção, já que não houve reação da demanda na mesma proporção, mesmo com preços bem mais baixos ao consumidor do que nos

anos anteriores (2015 e 2016). No caso das **FRUTAS**, a perspectiva mais favorável em termos de receita veio do segmento exportador. Os envios devem fechar com uma receita em dólares superior à de 2016. O fator limitante na fruticultura exportadora foi o déficit hídrico persistente na região do semiárido, que tem limitado os investimentos e a qualidade da fruta em alguns polos produtores. As frutas pesquisadas pela Hortifruti/Cepea registraram rentabilidade menor que a da temporada anterior.



Fernanda Geraldini é editora econômica de **frutas**.



João Paulo Deleo é editor econômico de **hortaliças**.



Leiticia Julião é editora econômica de **frutas**.



Marina Marangon é editora econômica de **hortaliças**.



Profa. Dra. Margarete Boteon é editora científica da **Hortifruti Brasil**.

Assista à série especial do Anuário 2017-2018 com as projeções para 2018 em www.hfbrasil.org.br

Veja a programação:

Dezembro /2017 - Cenário macroeconômico

Janeiro/2018 - Perspectivas do mercado de frutas

Fevereiro/2018 - Perspectivas do mercado de hortaliças

2018 Verão 2018 é promissor para as hortaliças

No geral, o verão de 2018 deve ter preços maiores para as **HORTALIÇAS** do que no mesmo período do ano anterior, por conta da previsão de queda de área. A menor rentabilidade de 2017 das hortaliças inibiu os investimentos em área de batata, tomate de mesa, cebola e cenoura no primeiro quadrimestre do ano. Por enquanto, só a alface ainda não tem previsão de redução de área no verão nas regiões pesquisadas pelo Hortifruti/Cepea. O plantio de inverno das hortaliças também não deve registrar aumento nos investimentos, mesmo com a perspectiva de uma melhor rentabilidade no verão 2017/18. Produtores de-

vem usar parte dos lucros do verão para saldar dívidas contraídas nas últimas safras, que tiveram baixa rentabilidade. A previsão para as **FRUTAS** é que os investimentos em área para 2018 se mantenham nos patamares de 2017. As exceções, por enquanto, são a previsão de queda (mais uma vez) de área na cultura do mamão, devido à crise hídrica e resultados limitados de 2017, e da manga, que pode incrementar a área. A crise hídrica tem limitado a produção de algumas frutas. A perspectiva é que a possibilidade de *La Niña* no verão 2017/18 alivie as reservas hídricas no Nordeste.

CLIMA: É IMPORTANTE CHOVER (E MUITO!) NO NORDESTE NESTE VERÃO

Ainda não há consenso sobre a presença do *La Niña* no verão 2017/18 brasileiro. Esse fenômeno climático seria muito bem-vindo, já que permitiria chuvas acima da média no Nordeste e redução no Sul do País. Essa previsão é benéfica aos hortifrúti, já que produtores do Sul têm reservas hídricas suficientes para manter a produção de verão das frutas e hortaliças, enquanto os do Nordeste precisam de chuva para aliviar um pouco a baixa disponibilidade hídrica. A previsão, segundo o Cptec/Inpe, é de possibilidade de *La Niña* no início de 2018 com fraca intensidade e curta duração. Importantes regiões produtoras de frutas e hortaliças no Nordes-

te, como Chapada Diamantina e Irecê (BA) e o Vale do São Francisco (BA/PE), estão em situação crítica de déficit hídrico. Caso não chova bem neste verão, as áreas de plantio nestas regiões, em especial as de hortaliças, podem ficar comprometidas em 2018. Fora do Nordeste, Cristalina (GO) e áreas próximas a Goiânia, importantes polos produtores de hortaliças e de tomate industrial, respectivamente, também estão com fortes déficits hídricos.

APOIO INSTITUCIONAL
DOS VÍDEOS DO ANUÁRIO



We create chemistry

PIB POSITIVO PODE ELEVAR O CONSUMO DE HF

Variáveis econômicas positivas e negativas para o consumo de frutas e hortaliças em 2018

Cenário positivo para o HF:

PIB em alta
Câmbio estável
Taxa de Juros em queda



Cenário limitante para o consumo de HF:

Desemprego em alta
Renda limitada

Fonte: Hortifruti/Cepea

VARIÁVEIS FAVORÁVEIS AO CONSUMO DE HF EM 2018

✓ **PIB:** A expectativa é de que o Brasil volte a apresentar crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) em 2018, após dois anos de recessão da economia. A estimativa do Banco Central é de que o PIB suba 0,89% em 2017 e 2,62% em 2018. Esse cenário pode sinalizar uma retomada no consumo das frutas e hortaliças no Brasil.

✓ **CÂMBIO:** O Banco Central atualizou as estimativas para o câmbio no final de 2017 para R\$ 3,20/US\$. Na média do ano, por enquanto, a expectativa é de R\$ 3,25/US\$, inferior ao de 2016 (R\$ 3,34/US\$). Para 2018, a aposta para dezembro é de R\$ 3,30/US\$. Os valores estimados para o câmbio são positivos para

o setor de HF, já que mantém atrativo o segmento exportador e não sinaliza alta do preço dos insumos agrícolas em 2018.

✓ **INFLAÇÃO & JUROS:** A taxa de inflação continua em queda e a previsão para 2018 segue bastante favorável. A expectativa do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para 2017 é de 2,88% a.a. e para 2018, de 4,02% a.a.. Assim, a aposta do Banco Central é de que a taxa de juros se reduza para 7,0% no final de 2017 e mantenha essa trajetória em 2018. As previsões de inflação baixa e de juros em queda, por sua vez, sinalizam maior disponibilidade de crédito (e mais em conta em termos de juros) para o produtor e para o consumidor.

Fonte: Banco Central (08/12/17)

VARIÁVEIS QUE AINDA LIMITAM O CONSUMO DE HF EM 2018

✗ **DESEMPREGO:** Para 2017, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta que o nível de desemprego ainda será alto no Brasil, de 13,1%. Em 2018, o índice apresenta algum sinal de melhora, mas ainda permanecerá nos dois dígitos (11,79%). Como o nível de emprego é um dos últimos a se restabelecer após períodos de crise, os indicadores mostram que uma retomada mais robusta de consumo só deve ocorrer no médio prazo, a partir de 2019, uma vez que a renda das famílias depende diretamente da disponibilidade de empregos.

✗ **RENDA:** A retomada do poder de compra do brasileiro depende da queda da taxa de desemprego, da maior disponibilidade de crédito e de juros reduzidos. A previsão é de um ligeiro aumento na renda para 2018, segundo o FMI. No entanto, a sustentação desse crescimento vai depender da ampliação dos investimentos no País. O crédito para 2017 ainda deve ser moderado, mas deve sair do movimento de retração e indicar melhores níveis para 2018.

VERÃO 2017/18: ÁREA DOS HF'S RECUA 3,4%

HORTALIÇAS: Pesquisas do Hortifruti/Cepea indicam recuo de 5% nas áreas de inverno em 2017 e de verão 2017/18. Para todas as hortaliças, há previsão de queda de área, exceto para os segmentos de indústria de batata e tomate, que atenuaram as reduções de cultivo das hortaliças de mesa. A área total cultivada com batata recuou 3,9% e a de tomate, 3,5%. Cebola deve ter forte queda na área, reflexo dos baixos preços no segundo semestre de 2016 e na temporada do Sul 2016/17. Para a cenoura, também pode haver recuo, já que “aventureiros” que entraram na atividade em 2016 não produziram em 2017 e produtores tradicionais diminuíram o cultivo, por conta dos baixos preços em 2016. Diante disso, a expectativa é de área de cenoura 7,2% menor. Para a alface, espera-se redução de 4% no cultivo nas principais regiões analisadas pelo Hortifruti/Cepea.

FRUTAS: Para 2017, a estimativa é de leve queda de área de 1,8% frente à de 2016. Para banana, Delfinópolis (MG), Bahia e Vale do São Francisco deverão ter aumento de área, o que deve compensar a nova queda prevista no Rio Grande do Norte e Ceará, onde o forte déficit hídrico tem limitado os investimentos da cultura. Para manga, a previsão é de aumento de área no Vale do São Francisco e no Norte de Minas Gerais, com produtores animados com os resultados obtidos com a cultura, enquanto São Paulo teve leve redução. A área de mamão deve cair novamente (no ES, Sul da BA e RN, enquanto em MG fica estável e, no Oeste da BA, registra aumento), já que as chuvas não vieram em volumes suficientes. Para o melão, a área deve recuar no Vale do São Francisco, mas haverá incremento no RN/CE na safra 2017/18, resultado dos investimentos em poços mais profundos. Para a uva, a área foi pressionada pelo clima adverso em SP e no PR, mesmo com incremento em MG. Para a maçã, na safra 2017/18, uma empresa de Fraiburgo investiu em área, superando a erradicação de outras unidades locais. Quanto à melancia, a previsão é de queda na área em 2017 no TO, BA, RS e em SP (safra principal e safrinha) – somente em GO que deve haver aumento, em decorrência dos bons resultados em 2017.

ÁREA DOS HORTIFRÚTIS EM 2017 (EM HECTARES)

Cultura	2017	% (2017/2016)
Batata	103.112	-3,9%
Tomate de mesa	17.390	-9,9%
Tomate indústria	19.298	3,2%
Cebola	43.986	-8,5%
Cenoura	14.566	-7,2%
Alface	39.159	-4%
Banana	80.345	1%
Maçã	33.105	1,7%
Mamão	12.470	-9,7%
Manga	54.117	3,3%
Melancia	29.600	-14,5%
Melão	14.295	-1,4%
Uva de mesa	23.023	-4,5%
TOTAL	484.466	-3,4%

ÁREA POR GRUPO

HORTALIÇAS	237.511	-5%
FRUTAS	246.955	-1,8%

Obs: As estimativas de produção da equipe Hortifruti/Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir do contato com agentes do setor nas principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea.

* 2017: Considera-se a temporada de inverno 2017 somada à de verão 2017/18.

QUAL É A PERSPECTIVA DO CONSUMO DE HF PARA 2018?

Nos últimos dois anos, o consumo de frutas e hortaliças foi prejudicado pela crise econômica. Mesmo com uma ligeira retomada do crescimento em 2017, ainda não houve uma recuperação significativa do consumo dos hortifrúteis em geral. A queda do poder de compra do brasileiro teve maior reflexo negativo em HF's de maior valor, como uva sem semente, melão de “marca”, tomates especialidades, minis e *babys* hortaliças

e minimamente processados. Já para os HF's mais tradicionais, como batata, tomate e cebola, o efeito foi menor. No entanto, o setor de hortaliças básicas registrou excedentes em 2017, por conta tanto da demanda fraca e quanto do aumento de oferta, impactando negativamente na rentabilidade do produtor em 2017. Para 2018, a perspectiva é de avanço no consumo de frutas e hortaliças, devido ao cenário econômico mais positivo, mas o desemprego em alta e o baixo crescimento previsto na renda do brasileiro ainda devem limitar o aumento no poder de compra. ■



BAIXA RENTABILIDADE EM 2017 LIMITA INVESTIMENTOS NO VERÃO DE 2018

Números do TOMATE em 2017

15,7%

Aumento na produtividade
(fevereiro a novembro)

-12,9%

Queda na área
da safra de verão 2017/18
frente à 2016/17

-73%

Redução nos preços
em janeiro/17 frente
a dezembro/16

66,7%

Aumento
das importações de polpa
(janeiro a novembro)

Com baixa remuneração, área da safra de verão 2017/18 diminui

A área da safra de verão 2017/18 de tomate deve diminuir 12,9% frente à da temporada passada, somando 6.577 hectares. Conforme colaboradores do Hortifruti/Cepea, essa redução se deve, principalmente, aos baixos preços praticados na maior parte da safra anterior. Os valores recebidos pelos produtores, somados ao cenário de inadimplência no mercado de tomate, reduziram os investimentos de muitos tomaticultores na cultura.

Temporada 17/18 registra maior produtividade

O plantio de tomate na temporada de verão 2017/18, que teve início em agosto, deve seguir até fevereiro/18 e, até o final de novembro, o desenvolvimento das lavouras seguia sem grandes problemas – apenas nos primeiros meses de plantio (agosto e setembro), o baixo volume de chuvas prejudicou ligeiramente a atividade e elevou os custos com irrigação. Já em novembro, quando a colheita começou a ganhar ritmo, as elevadas temperaturas aceleraram a maturação dos frutos, gerando excedente de oferta. O clima favorável também acabou aumentando a produtividade das lavouras. Em outubro e novembro, a produtividade em Venda Nova do Imigrante (ES) foi de 4.181,6 cx/ha, 8,42% acima da observada no mesmo período de 2016. Em Itapeva (SP), a produtividade vem sendo boa nesse início de safra, porém até o encerramento dessa edição ainda não haviam médias de produtividades fechadas nessa praça. A produtividade também foi elevada na temporada 2016/17, especialmente até fevereiro/17, quando o calor acelerou a maturação dos frutos. Itapeva, principal região produtora na safra de verão, teve

produtividade média de 3.392 caixas por hectare entre novembro/16 e fevereiro/17.

Rentabilidade pode ser boa na safra de verão 2017/18

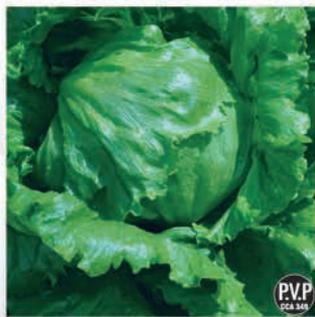
Em novembro, a média de preços para o tomate tipo salada 2A foi de R\$ 24,08/cx, 2,35% abaixo dos custos de produção. Apesar do início pouco animador a expectativa é de que, a partir de dezembro, com o encerramento da safra de inverno, os preços aumentem. A redução de área na temporada também deve favorecer a rentabilidade, fazendo com que produtores recuperem ao menos parte dos prejuízos que tiveram na safra 2016/17 – naquele período a desvalorização apenas entre os meses de dezembro e janeiro foi de 73%, mantendo o baixo patamar de preços até o início de março.

Baixa rentabilidade e inadimplência reduzem área na safra de inverno

A área da primeira parte da safra de inverno 2017 recuou 6,3% frente ao ano passado. O motivo é que, em 2016, a rentabilidade em abril e julho foi baixa, e produtores que tiveram a colheita concentrada nesse período se descapitalizaram e reduziram o plantio. Na segunda parte da temporada de inverno, o recuo foi de 6,9%, por conta das baixas cotações em alguns meses durante a primeira parte da safra. Outro fator que reduziu os plantios tanto na primeira quanto na segunda parte é o alto índice de inadimplência que o produtor vem tendo desde o segundo semestre de 2016 nas vendas de tomate. Embora isso venha ocorrendo em muitas praças produtoras, esse índice é maior no estado do Rio de Janeiro. A limitada disponibilidade de crédito e os altos custos de produção do tomate também continuam limitando os investimentos em área. Para



Mauren
Alface Americana



Yasmin
Alface Americana



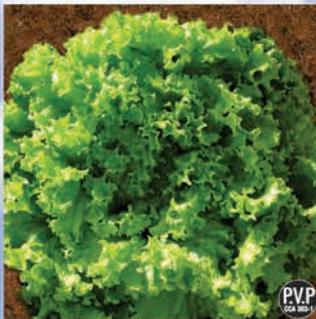
Stella
Alface Lisa



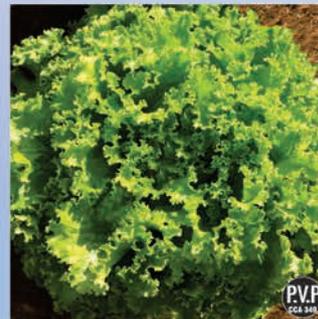
Gabriela
Alface Crespa Roxa



Veneranda
Alface Crespa Verde



Ariana
Alface Crespa Verde



Soraia
Alface Crespa Verde

**O sucesso das grandes colheitas,
nasce com a escolha de alfaces
líderes de mercado**



CALL CENTER
(54) 2109 4444



sementesfeltrin.com.br



Feltrin Sementes



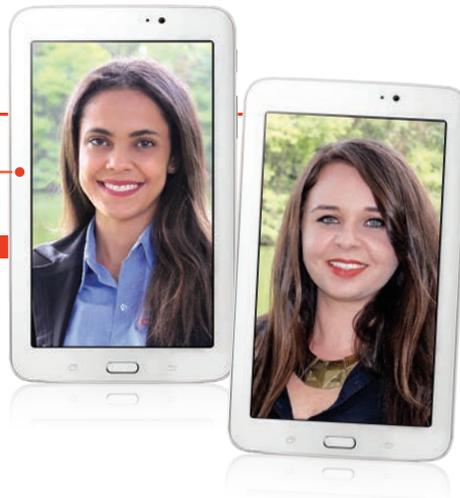
@feltrinsementes

FELTRIN
SEMENTES

Laís Marcomini e Lenise Andresa Molena

são analistas de mercado de TOMATE.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Laís e Lenise sobre as projeções de tomate para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



a temporada de inverno 2018, a expectativa inicial é que a área se mantenha, pois, apesar de alguns meses de valores abaixo dos custos, muitos produtores encerraram a safra 2017 com rentabilidade ligeiramente positiva. Na segunda parte da safra de inverno do ano que vem, a tomada de decisão sobre uma possível redução de área vai depender dos resultados da primeira parte da temporada.

Safra de inverno tem maior produtividade

A produtividade média parcial da primeira parte da safra de inverno (fevereiro a novembro) foi de 3.902 t/ha, 15,7% maior que no mesmo período de 2016. Em alguns meses, a produtividade chegou a patamares acima do histórico em algumas regiões, como em Mogi Guaçu (SP), que colheu 5.655 caixas por hectare, em média, em outubro. Na segunda parte da safra, a produtividade foi de 4.348,5 caixas por hectare entre agosto e novembro, 24,27% maior que em 2016.

Mesmo com alta oferta, 1ª parte da safra de inverno termina “no azul”

Em função da oscilação da oferta durante a temporada de inverno, os preços também variaram, resultando em elevada rentabilidade em alguns meses, mas prejuízos em outros. Entre a segunda quinzena de maio e junho, houve perdas com a cultura. Agosto e novembro também foram meses de baixa rentabilidade e, em setembro, apesar da baixa remuneração, a elevada produtividade permitiu que produtores que tiveram bom rendimento no campo fechassem setembro com as contas “no azul”. Na média da primeira parte da safra de inverno (de março a outubro), as cotações, ponderadas pelo calendário de colheita e classificação, fecharam a R\$ 37,07/cx para o 2A, valor 37,6% acima dos custos de

produção, que foram de R\$ 26,94/cx no mesmo período. Já na segunda parte da temporada (de agosto a novembro), a caixa de tomate 2A, também ponderada, teve média de R\$ 27,88, 13,56% acima dos custos (R\$ 24,55/cx).

Chapada Diamantina reduz em quase 35% a área de cultivo

Entre as regiões produtoras de tomate acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea (Chapada Diamantina e Irecê (BA), Goianópolis (GO), Serra da Ibiapaba (CE/PI), Carmópolis de Minas (MG) e Norte do Paraná), a Chapada, Irecê e a Serra da Ibiapaba, que colhem o ano todo, registraram queda na área cultivada de 9,4% em relação ao ano passado. Especificamente na Chapada, o déficit hídrico e problemas com traça foram os fatores responsáveis pela acentuada queda de quase 35% no cultivo daquela região. Em Irecê, onde a produção é predominantemente de tomate rasteiro para mesa, foram os altos cultos e as constantes mudanças de culturas. Na Serra da Ibiapaba, por sua vez, a descapitalização dos produtores, os elevados custos e a escassez hídrica foram os limitantes da área. Para 2018, a previsão é de manutenção de área em todas essas regiões.

Estoques da indústria se elevam devido ao aumento de área e clima

A produção de tomate industrial registrou alta de 3,2% na safra 2017 frente à de 2016, sendo que Goiás aumentou 5% e Minas Gerais, 3%. Em São Paulo, a área se manteve e no Agreste Pernambucano, devido ao déficit hídrico, não houve cultivo à indústria. Esse cenário se deve aos baixos estoques de polpa em algumas processadoras. O clima e o adequado manejo da cultura resultaram em boa produtividade em Goiás em 2017, proporcionando rendimento médio no

campo superior a 80 toneladas por hectare. Para 2018, a estimativa inicial é de manutenção da área, devido à elevada produtividade em 2017, que deve impulsionar os estoques. Além disso, a disponibilidade hídrica também será um fator determinante para futuros investimentos.

Importações de polpa crescem 66,7% em 2017

Nos últimos 10 anos observou-se crescimento das importações de polpa (principal insumo para os molhos de tomate). Isso se deve, segundo agentes do setor consultados pelo Hortifruti/Cepea, à maior demanda por parte das indústrias na fabricação de molhos e derivados (como catchup) diante do aumento na procura por produtos prontos. O Chile vem sendo o principal exportador ao Brasil, seguido da China, Itália e Estados Unidos. O produto chileno é de boa qualidade, com preços competitivos, principalmente em relação ao valor do frete. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), no período de janeiro a novembro deste ano, o volume importado de polpa de tomate cresceu 66,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Apesar da estabilização do dólar em patamares razoáveis, o ritmo das importações desacelerou nos últimos meses de 2017, já que a produção das indústrias nacionais esteve mais elevada e, conseqüentemente, aumentos os estoques. Segundo dados divulgados pelo Conselho Mundial de Tomates para Processamento (WPTC – World Processing Tomato Council) em 12 de outubro de 17, a produção mundial de tomates para processamento se reduziu 1,9% frente à de 2016, sendo que o Chile deve aumentar 35% sua produção e, o Brasil, manter as 1.450 toneladas.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região.
Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Tomate de Mesa - Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2016	2017	Variação (%)
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	8,00	7,20	-10%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,90	2,90	0%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	9,00	8,00	-11%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandaí, Coimbra e São José da Varginha	6,00	5,40	-10%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro*	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna, Bom Jesus e São José de Ubá	3,00	2,80	-7%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	1,50	1,30	-13%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,50	3,80	-16%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,20	1,20	0%
Pimentas (MG)	Pimentas	4,00	4,00	0%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	6,00	6,00	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - julho a dezembro	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%

Tomate de Mesa - Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2016	2017	Variação (%)
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,15	2,15	0%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,00	4,00	0%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,20	1,20	0%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	4,00	3,20	-20%

Tomate de Mesa - Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2016/17	2017/18	Variação (%)
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiaí, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	24,00	20,00	-17%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas, Lebon Régis, Monte Castelo e Macieira	12,65	10,00	-21%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,80	2,20	-21%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	7,00	7,00	0%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	7,00	7,00	0%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	10,50	8,00	-24%
Agreste de Pernambuco - concentra de setembro a março	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim do São Felix, São Joaquim do Monte Bonito, Caruaru	8,80	7,70	-13%

Tomate de Mesa - Safra Anual		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2016	2017	Variação (%)
Chapada Diamantina (BA)	Alto Paraguaçu	9,00	6,00	-33%
Serra da Ibiapaba (CE/PI) - concentra de setembro a março	Guaraciaba, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tiangua, Viçosa do Ceara, Ipu e Carnaubal	9,60	4,80	-50%
Goianópolis	Corumbá, Cocalzinho, Pirinópolis, São João da Aliança, Goianópolis	26,50	27,60	4%
Irecê (BA)	Região de Irecê e Região de Seabra	15,20	13,00	-14%
Carmópolis de Minas	Carmópolis de Minas	6,60	8,40	27%
Norte do Paraná (estufas)		6,00	6,60	10%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate destinado à mesa.

Tomate Rasteiro/Indústria		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2016	2017	Variação (%)
Estado de Goiás		12.670,00	13.303,50	5,0%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	3.594,00	3.594,00	0,0%
Estado de Minas Gerais	Paracatu e Lagoa Grande	2.340,00	2.400,00	2,6%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte, Bonito e Caruaru	100,00	-	-

*A estimativa de 2015 foi alterada.

Fonte: Hortifruti/Cepea.

2017 É MARCADO POR DE ÁREA E PREÇOS

Números da ALFACE em 2017

R\$ **0,20**/pé

Menor preço da crespa da série histórica do Cepea em Teresópolis (RJ), iniciada em 2016 (outubro)

8%

Participação da hidroponia em relação à área total na região de Mogi das Cruzes (SP) em 2018

R\$ **1,40**/pé

Maior valor da americana na Ceagesp desde junho de 2016 (junho)

-20%

Queda na área em Mário Campos e Caeté (MG) na safra inverno 2017

Preços são pouco satisfatórios no verão 2016/17

A área da safra de verão 2016/17 de alface, cuja colheita aconteceu entre dezembro/16 e junho/17, ficou estável na região de Mogi das Cruzes (SP), mas teve redução de 5% em Ibiúna (SP), refletindo os prejuízos registrados na safra de inverno de 2016, o crédito restrito e baixos preços durante a temporada. O clima favorável ao cultivo da folhosa no período contribuiu para o aumento da oferta, pressionando as cotações e reduzindo o transplântio. Contudo, em meados de janeiro/17, o excesso de chuva danificou as lavouras, acarretando em perdas de até 100% em algumas propriedades. Assim, as alfaces se valorizaram no início do ano, e a crespa atingiu o maior patamar da temporada em Mogi das Cruzes em fevereiro: R\$ 0,98/unidade. Com isso, a procura pelas folhosas hidroponicas, que não tiveram sua qualidade afetada pelas precipitações, foi boa, cenário que impulsionou os preços da variedade. Entre dezembro/16 e junho/17 os preços recuaram 11% em Mogi das Cruzes e 20% em Ibiúna, frente ao mesmo período da safra anterior. Essa desvalorização esteve atrelada à redução do uso de tecnologias e tratamentos fitossanitários por parte dos produtores, que estavam descapitalizados já no início do plantio. No geral, a rentabilidade da safra foi positiva, com cotações 31,5% acima dos custos de produção (entre dez/16 e março/2017).

Prejuízos em MG reduzem área de verão e levam à substituição da cultura

Os baixos preços no início da safra de verão 2016/17 levaram à redução de 10% da área da temporada nas regiões de Mário Campos e Caeté (MG). Por serem praças predominantemente agrícolas, muitos produtores que deixaram de produzir

alface migraram para outras culturas ao longo do período (dezembro a junho). O clima mais chuvoso entre dezembro/16 e janeiro/17 reduziu a incidência da trips e elevou a oferta da folhosa. Por outro lado, a demanda recuou, já que a procura de outros estados pelas alfaces de Minas Gerais diminuiu. Assim, os preços recuaram em janeiro de 2017, mas voltaram a subir em fevereiro, ficando altos até junho, em decorrência de novas perdas com a trips. O valor médio da crespa durante a temporada (dezembro/16 a junho/17) foi de R\$ 0,67/unidade. Entre janeiro (boa produtividade) e fevereiro (tripes), os custos de produção aumentaram expressivos 65% em Mário Campos e em Caeté. Mesmo assim, as cotações se mantiveram acima dos custos na maior parte do da safra. O volume elevado de descartes, porém, pode ter reduzido o retorno real ao produtor, desestimulando o transplântio em ambas as regiões.

Americana ganha espaço nas lavouras fluminenses

Em Teresópolis (RJ), a área da safra de verão 2016/17 permaneceu estável frente à de 2015/16. Entretanto, ocorreram mudanças nas proporções das variedades de alfaces plantadas na região. A produção da lisa diminuiu, dando espaço à americana. Segundo produtores, essa mudança foi causada principalmente pela baixa demanda pela alface lisa. Na praça fluminense, a produção da crespa predomina com 70%, seguida pela americana (20%) e pela lisa (10%). As chuvas no início da safra de verão 2016/17 reduziram a oferta de folhosas na região. Porém, como a demanda estava relativamente baixa, os preços não tiveram reação significativa. O menor volume de precipitações depois de fevereiro permitiu o aumento da produtividade ao longo dos meses, o que manteve os preços baixos na temporada. Além disso, as aquisições de alface diminuíram no RJ, refletin-

REDUÇÃO BAIXOS

do o poder de compra enfraquecido dos consumidores do estado. Na temporada de verão (dezembro/16 a junho/17), o preço da alface americana teve média de R\$ 0,74/unidade, patamar superior aos custos de produção no período, o gerou rentabilidade positiva. Porém, quando comparado à safra de verão anterior, o preço médio entre abril a junho foi 6,81% menor.

Área da safra de inverno 2017 diminui

No decorrer da safra de inverno 2017, cuja colheita aconteceu entre junho e dezembro, a área destinada ao plantio de alfaces foi reduzida em todas as regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, refletindo os prejuízos registrados na safra de inverno 2016 e na de verão 2016/17, além da demanda enfraquecida e dos descartes ocasionados pela baixa comercialização. As reduções foram de 10% em Ibiúna (SP), 6% em Mogi das Cruzes (SP), 12% em Teresópolis (RJ) e 20% em Mário Campos e Caeté (MG). Em São Paulo, precipitações frequentes atrasaram o ciclo e apodreceram as folhosas. Dessa forma, a demanda do estado paulista pelo produto fluminense aumentou, impulsionando os preços em Teresópolis. Em São Paulo, os valores também aumentaram, refletindo a menor oferta. Em junho/17, a americana teve

média de R\$ 1,40/unidade na Ceagesp, o maior valor desde junho/16. Já no início do segundo semestre, as temperaturas mais amenas e o clima seco, típicos do inverno, melhoraram a qualidade do produto em todas as regiões produtoras, cenário que pressionou as cotações até o encerramento da temporada, em novembro. Em Teresópolis, o preço da cresa foi de R\$ 0,20/uni em outubro. Com a demanda retraída e a produção satisfatória, parte das alfaces não foi escoada, elevando os descartes. Apesar dos menores investimentos em tratamentos fitossanitários, já que o clima favoreceu o desenvolvimento das alfaces, muitos pés foram comercializados por valores abaixo dos custos dos custos de produção, o que reduziu a rentabilidade ao produtor.

Cautelosos, produtores devem manter área de verão 2017/18

Safra verão 2017/18 (dezembro a junho): A perspectiva é de manutenção da área de alface nas regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Como os resultados de 2017 ficaram abaixo do esperado, muitos produtores estão descapitalizados e com restrição ao crédito, o que dificulta novos investimentos. A retração da demanda e o grande volume de descartes também deixaram produtores cautelosos

quanto à expansão da cultura. Em Mário Campos, ainda há preocupação com a praga tripses, transmissora da virose vira-cabeça, que pode voltar a se proliferar no verão de 2018. Assim, a oferta e os preços na temporada de verão 2017/18 dependerão das condições climáticas, dada à expectativa de área e consumo estáveis.

Perspectivas indicam manutenção de área do inverno 2018

Safra inverno 2017 (junho a dezembro): As expectativas iniciais são de manutenção da área de inverno em todas as regiões produtoras. Porém, os resultados efetivos dependerão das condições climáticas, da rentabilidade da safra de verão 2017/18 e da disponibilidade de água.

Área de hidropônicas deve permanecer estável em 2018

Cultivo hidropônico: A estimativa da área destinada às hidropônicas na região Mogi das Cruzes é de 8% da área total das alfaces (464 hectares), estável frente a 2017. Esse tipo de cultivo apresenta vantagem em relação ao convencional no verão, pois as alfaces nas estufas tornam-se menos suscetíveis às alterações climáticas.



Livia Rebeca Luz da Silva

é analista de mercado de ALFACE.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Livia sobre as projeções de alface para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - FOLHOSAS*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha) Safra de inverno (mai/nov)			Área plantada (ha) Safra de verão (dez/abril)		
		2016	2017	Variação (%)	2015/16	2016/17	Variação (%)
Ibiúna (MG)	Ibiúna, Piedade e Vargem Grande Paulista	10.000	9.000	-10%	13.000	12.350	-5%
Mogi das Cruzes (MG)	Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis e Suzano	6.200	5.800	-6%	8.060	8.060	0%
Mário Campos (MG)	Brumadinho, Ibirité, Sarzedo, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Betim e Contagem	310	248	-20%	465	419	-10%
Caeté (MG)	Sabarará, Nova União, Taquaraçu de Minas, Raposos, Barão de Cocais e Bom Jesus do Amparo	110	88	-20%	160	144	-10%
Teresópolis (RJ)	Teresópolis, Nova Friburgo e Sumidouro	1.300	1.150	-12%	1.900	1.900	0%

Fonte: Hortifruti/Cepea.

MESMO COM PREÇOS EM ALGUNS MESES,

Números da CENOURA em 2017

R\$ 7,25
/cx de 29 kg

Menor preço
na safra de verão 2016/17
(junho)

-8%

Rentabilidade
"apertada" na safra 2016/17

R\$ 28,33
/cx de 29 kg

Maior preço
de comercialização na
safra de inverno
(novembro)

57%

Aumento do preço
na safra de inverno em
relação à de 2016

Apesar de "apertada", rentabilidade da safra de verão 2016/17 ainda é positiva

A área de cenoura na safra de verão 2016/17 (de janeiro a agosto) recuou 1,1% em relação à 2015/16, somando 9.239 hectares, considerando todas as regiões acompanhadas pelo Hortifrúti/Cepea. A forte queda em Irecê (BA), de 25% na mesma comparação (indo para 700 hectares), influenciou a baixa total. O principal motivo da redução na Bahia foi a escassez hídrica, que aumentou os custos e dificultou a competitividade frente às demais regiões produtoras de cenoura. Além da falta de água, as baixas cotações no segundo semestre de 2016 descapitalizaram os produtores baianos. Já em São Gotardo (MG), houve leve aumento de 2% na área, totalizando 5.484 hectares. Isso porque produtores de alho utilizaram parte das suas terras para o cultivo de cenoura. Produtores de Caxias do Sul (RS) também aumentaram a área em 2,5%, a 805 hectares nesta safra 2016/17, na tentativa de continuarem com ganhos elevados, o que não se concretizou. A safra de verão se iniciou em janeiro, com clima favorável à produção e baixas cotações, que tiveram média de R\$ 11,33/cx em janeiro, 21% menor que os custos. Porém, entre janeiro e março, houve queda no rendimento devido ao maior percentual de cenouras bifurcadas, que podem ser causadas por elevadas temperaturas, trazendo distúrbios fisiológicos – cenário que elevou as cotações. Em maio e junho, os valores da raiz voltaram a recuar, chegando, inclusive, a patamares abaixo dos custos de produção. O menor preço médio da safra foi de R\$ 7,25. O valor da raiz voltou a reagir apenas em julho com a proximidade do fim da safra de verão, fechando 22% acima dos custos. No ge-

ral da temporada de verão (de janeiro a agosto), em todas as regiões acompanhadas pelo Hortifrúti/Cepea, a rentabilidade, apesar de "apertada", ficou ligeiramente positiva em 8%.

Redução da área da safra de inverno eleva cotações

A área da safra de inverno de 2017 teve redução de 14,3% frente à do ano passado na maioria das regiões acompanhadas pelo Hortifrúti/Cepea. A exceção é Cristalina (GO), que manteve a área na temporada. De modo geral, a diminuição ocorreu devido aos "aventureiros" que cultivaram em 2016, atraídos pela alta rentabilidade da safra de verão de 2015/16, não retomando o plantio em 2017. Além disso, produtores tradicionais da cultura ficaram descapitalizados e reduziram os investimentos. Com a menor área, a oferta nacional se reduziu e, consequentemente, houve aumento nos valores da raiz. Do início da safra de inverno, em julho, até novembro, as cotações estiveram 57% superiores à anterior, com média de R\$ 15,73/cx de 29 kg da raiz "suja". O maior valor de comercialização da safra de inverno foi de R\$ 28,33/cx da raiz "suja". Dessa forma, produtores obtiveram rentabilidade positiva no geral da temporada, com média de preços 43% acima dos custos na parcial da safra. Outro fator que contribuiu para a valorização da cenoura foi o desenvolvimento secundário das raízes nas regiões de São Gotardo (MG), Cristalina (GO) e Marilândia do Sul (PR), o que fez com que o ciclo de produção se estendesse e as cenouras ficassem finas, aumentando a incidência de raízes do tipo "A" e diminuindo as de tipo "G". As cotações do tipo "G" estiveram 43% maiores do que a média da safra de inverno anterior, a

ABAIXO DO CUSTO 2017 FECHA NO AZUL

Caio Vinícius Piton Torquato

é analista do mercado de CENOURA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Caio sobre as projeções de cenoura para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hientrevista



R\$ 16,54/cx (de julho a novembro). Esses problemas foram causados pelas baixas temperaturas na época de plantio e pela escassez hídrica nas regiões em agosto e em outubro.

Safra de verão 2017/18 pode ter boa rentabilidade

A previsão para a área da safra de verão 2017/18 é de recuo de 2,2% frente à anterior, considerando-se todas as regiões produtoras. O motivo foi, principalmente, a saída de produtores do Cerrado Mineiro, que haviam optado pelo plantio de cenoura como se-

gunda cultura em 2016. Os preços baixos da safra de verão anterior (2016/17) também desestimularam a manutenção dos investimentos na raiz. A região com diminuição mais expressiva é a de Irecê (BA), de 14,3%, contabilizando 600 hectares. Além dos resultados insatisfatórios no ano passado, produtores saíram do setor também pela crise hídrica, que vem prejudicando a produção de cenoura, aumentando os custos. Nos demais estados (Minas Gerais, Goiás e Paraná), o clima preocupa produtores, especialmente quanto à disponibilidade de água no período de plantio e ao desenvolvimento das

raízes. A expectativa inicial é de boa produtividade devido às chuvas a partir de outubro, assim como ocorreu na última temporada. Durante boa parte daquele período, a produtividade foi satisfatória, com média de 50,8 t/ha na região de São Gotardo (MG). Quanto à rentabilidade, a expectativa é de melhores resultados se comparados aos da safra de verão anterior (2016/17), com possibilidade de os valores cobrirem os custos de produção. Porém, o clima será decisivo para determinar a oferta e, conseqüentemente, os resultados aos produtores, visto que haverá pouca variação na área.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2016	2017	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	780	780	0,0%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	2.547	2.123	-16,6%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	1.000	800	-20,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	800	700	-12,5%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	1.330	1.131	-15,0%

Safra de verão (dezembro a julho)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2016/17	2017/18	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	1.050	1.050	0,0%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	5.484	5.377	-2,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	700	600	-14,3%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	1.200	1.200	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	805	805	0,0%

Fonte: Hortifruti/Cepea.

OFERTA ELEVADA O TODO DERRUBA PREÇOS

Números da BATATA em 2017

R\$ **60,07**
/sc
de 50kg

Melhor preço
ao produtor até novembro

-76%

Rentabilidade na safra
de inverno menor que em 2016
(julho a novembro)

-50%

Queda na área
da Chapada Diamantina (BA)

11,8%

Expansão da área
de batata pré-frita

Área da safra das águas 2017/18 recua 8,6%

Devido à baixa rentabilidade em 2017, a área de batata da safra das águas 2017/18 deve recuar 8,6% frente ao mesmo período do ano anterior, somando 50.907 hectares. O recuo só não foi mais acentuado por causa do crescimento da indústria, que vai aumentar em 11,8% a área na temporada, devido, sobretudo, o desenvolvimento do segmento de pré-fritas, que segue em expansão. Já a área ao mercado de mesa deve ter diminuição de 11,4%. Na temporada das águas 2016/17, por sua vez, a baixa rentabilidade foi atribuída, principalmente, ao excesso de oferta ocasionado pela elevada produtividade e ao aumento de área cultivada de 6,1%.

Menor oferta e baixa produtividade devem marcar safra das águas 2017/18

A safra das águas 2017/18 deve apresentar, além de menor oferta, baixa produtividade. Esse cenário se deve aos menores investimentos, à qualidade das sementes abaixo do esperado (menores vigor energético e calibre frente às sementes da temporada 2016/17) e à seca em agosto e setembro, que prejudicou o desenvolvimento das batatas plantadas naqueles meses. Em Curitiba (PR), por exemplo, a produtividade deve cair em até 30% nos primeiros talhões. Em outras regiões paranaenses, como Ponta Grossa e São Mateus do Sul, pode haver atrasos na colheita e queda de até 15% na produtividade inicial da safra. A temporada 2016/17, por outro lado, foi marcada pela alta produtividade de batatas, em função de chuvas regulares em praticamente todas as regiões produtoras, principal fator que levou ao excedente de oferta no mercado. A qualidade dos tubérculos ao longo da safra passada também foi bastante satisfatória, e registrou

produtividade média de 35,3 t/ha, 16,26% maior que na temporada 2015/16.

Expectativa é de boa rentabilidade na safra das águas

Com a expectativa de menor oferta na safra 2017/18, a rentabilidade pode ser positiva, contribuindo para que produtores recuperem parte dos prejuízos que tiveram em 2017. O preço mais baixo foi registrado em janeiro, devido à concentração da safra. A temporada 2016/17 fechou com valores médios de 42,62 R\$/sc, 10,87% menores que os custos de produção, estimados em 47,82 R\$/sc.

Baixos preços na safra das águas resultam em queda no plantio das secas

A área da safra das secas de 2017 fechou em 14.250 hectares, 3,7% menor em relação à de 2016. A redução ocorreu devido aos prejuízos causados na safra de verão de 2016/17. A oferta das secas 2017 começou em maio, e foi intensificada em junho. A partir de então, a disponibilidade do produto superou a demanda até o fim da temporada das secas. Devido ao clima favorável à produção, houve baixa incidência de pragas e doenças e a produtividade esteve satisfatória em todas as regiões, fechando a 32,42 t/ha, 16,51% maior que a média da safra das secas 2016, quando houve problemas com o excesso de chuva. O Sudoeste Paulista, que tem sua colheita da safra das secas entre junho e agosto, registrou menor produtividade nos primeiros talhões, por causa do baixo fotoperíodo na fase de enchimento dos tubérculos. Porém, no decorrer da safra, houve recuperação da produtividade na região.

Preços ficam abaixo dos custos na maior parte da safra das secas

ANO EM 2017

**Heitor Araujo Cintra Inacio e
Lenise Andresa Molena**
analistas do mercado de BATATA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Heitor e Lenise sobre as projeções de batata para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



Considerando o período de janeiro a setembro de 2017, maio (início da safra das secas) foi o único mês que os preços da batata estiveram acima dos custos de produção pois poucos produtores arriscam seus plantios para colher nessa época, visto que normalmente há um grande risco climático devido aos climas quentes e chuvosos que criam um ambiente propício para pragas e doenças. Em junho, quando a colheita da temporada das secas se intensificou, os preços ficaram novamente abaixo dos custos de produção, seguindo assim até o final da safra, em julho. Na média da temporada das secas (maio a julho), a batata lavada foi cotada a R\$ 44,71/sc (preço ponderado pelo calendário de colheita e classificação), 8,8% abaixo dos custos, que ficaram em R\$ 49,02/sc.

Vargem Grande do Sul e Cristalina aumentam área de inverno 2017

A área total de plantio da safra de inverno de 2017 foi de 37.955 hectares, aumento de 3% frente ao ano anterior. As principais regiões que registraram aumento na área foram Vargem Grande do Sul (SP), com 14% e Cristalina (GO), com 10%. A colheita nessas localidades se concentrou em agosto e setembro. Para 2018 ainda não há um planejamento sobre a área cultivada na temporada de inverno, porém se não houver redução nos plantios em Vargem Grande do Sul e em Cristalina e as condições climáticas forem favoráveis à produção, 2018 pode ser novamente um ano com oferta elevada.

Safra de inverno registra produtividade 8% maior em 2017

Historicamente, agosto e setembro são meses de maior produtividade no ano, período que coincide com a concentração da safra de inverno de Vargem Grande do

Sul e Cristalina e consequente aumento na oferta. Outro fator que contribuiu para a maior oferta é que boa parte dos produtores esteve mais capitalizado nos últimos anos, cenário que motivou em investir nas sementes, melhorando a produção. Na média da temporada (julho a novembro), a produtividade fechou em 39 t/ha, rendimento 8% maior que a de 2016. Em termos de rentabilidade, o aumento de área e de oferta pressionaram as cotações. A partir de outubro, com a desaceleração da colheita, principalmente em Vargem Grande do Sul, os preços começaram a reagir, ficando acima dos custos entre outubro e novembro, os dois últimos meses da safra. Entre julho e novembro (período da safra de inverno), os preços fecharam em R\$ 35,25/sc, valor 18,6% abaixo dos custos de produção, que ficaram em R\$ 43,29/sc. Já no final da safra, entre outubro e novembro, as cotações médias foram de R\$ 45,43/sc, 6,22% acima dos custos.

Área da Chapada Diamantina tem redução histórica de 50% em 2017

Pelo sétimo ano consecutivo, a Chapada Diamantina registrou problemas com falta de chuvas, sendo que desde 2014 a área naquela região tem diminuído. Com o permanente cenário de seca, a redução neste ano foi de 50%. Esse cenário foi ainda mais crítico especificamente no segundo semestre, quando houve queda de 80% da área colhida no período. Entre julho e outubro deste ano, não houve volume expressivo de colheita na região.

Falta de chuva impede plantio e colheita na BA no 2º semestre

No primeiro semestre de 2017, o calendário de plantio e colheita da Chapada Diamantina (BA) foi normal, visto

que os níveis dos reservatórios estavam um pouco mais altos, devido às chuvas. No segundo semestre, por outro lado, quase não houve colheita na região, e o plantio foi retomado apenas a partir de novembro, com o retorno das precipitações. Nesse cenário, nos meses de janeiro e fevereiro de 2018, a área colhida deve cair cerca de 50% frente a de anos anteriores. Caso as chuvas ainda não sejam suficientes, em 2018 é possível que haja redução ainda maior no cultivo na Bahia.

Segmento de pré-fritas impulsiona área industrial em 2017

Em 2017, devido ao início da operação de uma grande planta processadora de batatas pré-fritas no Brasil, houve um grande impulso na área cultivada para atender esse segmento. Isso resultou em um crescimento de 11,8% na área destinada à indústria de batata no Brasil, chegando na casa dos 20 mil hectares. Para 2018, a previsão é que área continue crescendo.

Mesmo com expansão no Brasil, importações sobem em 2017

Com a tendência de crescimento do consumo de batatas pré-fritas, em detrimento às *in natura*, as importações se aqueceram. Em 2016, já houve aumento de 18% no volume importado frente ao ano anterior, e, em 2017, o ritmo de importação segue forte, mesmo com o aumento da oferta da indústria nacional. De acordo com a Secex (Secretaria do Comércio Exterior), entre janeiro e novembro, o Brasil importou 315,1 mil toneladas, alta de 1,3% em relação ao ano anterior.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2016	2017	Varição (%)
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguaí, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	10.300	12.040	17%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.350	2.350	0%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.830	2.830	0%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	2.700	2.700	0%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.000	2.000	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.300	1.000	-23%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.200	1.200	0%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	6.300	6.900	10%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	5.230	2.675	-49%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais ¹	8.000	7.500	-6%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	8.200	10.300	26%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.300	1.300	0%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2016/17	2017/18	Varição (%)
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais ¹	9.500	8.500	-11%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	14.400	14.600	1%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguçu	5.000	5.000	0%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	5.590	4.750	-15%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.000	2.000	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.500	1.200	-20%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	2.000	1.700	-15%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	5.450	5.450	0%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	7.800	7.000	-10%

¹ Cambuí, Pouso Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.



A proteção aplicada no plantio que pode refletir em boa produtividade e em batatas de melhor qualidade.

Serenade e Monceren SC. **As soluções da Bayer no manejo de doenças de solo, que contribuem para colheita de batatas uniformes e lisas, uma beleza de safra.**



- Fungicida e bactericida microbiológico
- Eficiente no controle de doenças do solo (rizoctoniose, podridão-de-esclerotínia, podridão-cinzenta)
- Vigor, estolões e enraizamento otimizados
- Maior proteção para batatas especiais

Monceren[®]

- Fungicida protetor
- Eficiente no controle de rizoctoniose
- Não lixiviado pela chuva e irrigação
- Confiança e tradição

Começo protegido, produtividade à vista.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.**



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

www.agro.bayer.com.br

0800 011 5560



Se é Bayer, é bom

MÍLDIO? REQUEIMA? REVUS OPTI.

PROTEGE
SUA LAVOURA,
FAÇA CHUVA
OU FAÇA SOL.

- Duplo modo de ação.
- Maior praticidade.
- Resistência à chuva.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br



 **Revus Opti**[®]

syngenta.

PREÇOS MELHORAM NO SEGUNDO DE 2017, DEVIDO À REDUÇÃO

Números da CEBOLA em 2017

R\$ **1,38** /kg

Recorde de preço da safra 2017 em Cristalina (GO) (julho)

-4,2%

Menor área para safra 2017/18 do Sul (frente ao período anterior)

-66%

Forte diminuição das importações de (janeiro a outubro) em relação ao mesmo período de 2016

União Europeia

ultrapassa Argentina nas importações do 1º semestre

Preço baixo em 2016 reduz área do Cerrado em 2017

A área total cultivada com cebola no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e em Cristalina (GO) diminuiu 8,1% e 12%, respectivamente, totalizando 2.500 e 2.200 hectares em 2017. Esse cenário se deve à elevada oferta no segundo semestre de 2016, o que pressionou as cotações e diminuiu a rentabilidade do produtor. Desse modo, produtores mineiros e goianos ficaram descapitalizados para investimentos. Além disso, ambas as regiões tiveram problemas com falta de água, limitando ainda mais o semeio. Ainda assim, a produtividade foi alta nas duas praças, visto o elevado padrão tecnológico dos produtores. A média de toneladas de cebola por hectare em Minas Gerais ficou em 72,5 e em Goiás, em 79,3. Devido à redução de área na maioria das praças que ofertam no segundo semestre e diminuição significativa do volume no Nordeste de julho a setembro, o bulbo nacional se valorizou a partir de julho. Com isso, a rentabilidade no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foi positiva em 64%, com média de preços a R\$ 1,13/kg da caixa 3 beneficiada e custos de R\$ 0,69/kg de julho a setembro. Em Goiás, as cotações neste ano fecharam em R\$ 1,09/kg, 85% acima dos custos, que foram estimados em R\$ 0,59/kg, sendo julho o mês com preço recorde: média de R\$ 1,38/kg. Diante dos bons resultados obtidos na safra 2017, a perspectiva para a temporada de 2018 é de aumento de área de 10%. Além disso, outras culturas da região, como batata e cenoura, não apresentaram rentabilidade satisfatória e podem favorecer o investimento na cebola. Contudo, o plantio pode ser limitado caso não chova o suficiente para abastecer os reservatórios.

Resultados em 2017 são positivos em SP

A área cultivada em 2017 em Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP) caiu em 2017, devido à elevada oferta nacional no segundo semestre do ano passado, cenário que pressionou as cotações. A queda foi de 8% em Monte Alto, indo a 1.150 hectares, e de 13% em São José do Rio Pardo, totalizando 2 mil hectares. Ambas as regiões registraram boa produtividade na safra 2017, com média de 53 t/ha, devido ao clima favorável. Porém, por causa da menor área, o volume nacional caiu e os preços se elevaram. Desta maneira, a rentabilidade foi positiva para os produtores paulistas. Em Monte Alto, a média das cotações foi de R\$ 0,87/kg ao produtor, 43% acima dos custos estimados em R\$ 0,61/kg. Já em São José do Rio Pardo, os preços fecharam em R\$ 0,81/kg, enquanto os custos foram de R\$ 0,61/kg, resultando em uma rentabilidade positiva de 33%. Devido aos melhores resultados obtidos nesta temporada, a área paulista não deve apresentar novo recuo para o próximo ano, que deve se manter em 2018.

Safra bulbinhos em SP tem rentabilidade satisfatória

A área nas praças de Divinolândia e Piedade (SP) se manteve em 2017, visto que produtores conseguiram se capitalizar, devido aos bons preços registrados em 2016 – a safra de bulbinhos esteve concentrada entre maio e junho. Dessa forma, produtores conseguiram manter os investimentos para 2017. Em relação à produtividade, ficou acima daquela do ano anterior, fechando em 46,2 t/ha em ambas as regiões. O motivo foi o clima favorável ao desenvolvimento dos bulbos neste ano. A rentabilidade, apesar de bastante apertada, foi positiva no geral, atingindo 30%. A média das cotações foi R\$ 0,87/kg ao produtor e os custos giraram em torno de R\$ 0,67/kg de maio a julho. Boa parte da safra foi comercializada em junho, quando os preços

SEMESTRE DE ÁREA

ainda estavam bem próximos das estimativas de custo de produção, contribuindo para uma margem limitada aos produtores. Sendo assim, não há previsão de aumento na área para 2018.

Falta de água e descapitalização levam à redução de área no NE

A área cultivada com cebola em Irecê (BA) e no Vale do São Francisco registrou queda de 25% e 10,8%, respectivamente, neste ano frente a 2016, por causa dos preços baixos da temporada passada, que limitou os investimentos na cultura. Além disso, outro fator determinante para a redução foi a escassez de água, uma vez que as chuvas não foram suficientes para o abastecimento dos reservatórios. No Vale, há dificuldade de captação de água do rio São Francisco, que foi racionada em alguns dias da semana. Mesmo com a crise hídrica, a produtividade para ambas as regiões foi satisfatória. Em Irecê, a produção costuma ser mais elevada, devido ao uso de tecnologias nas lavouras e ao clima favorável, fechando na média de 94,7 t/ha. No Vale do São Francisco, a produção de cebolas é tradicionalmente mais baixa, por conta da variedade cultivada, a IPA 11, que exige menor tecnologia e pouco uso de defensivos agrícolas. As duas praças tiveram problemas com tripes nesta temporada, devido às condições climáticas típicas do Nordeste – altas temperaturas e baixa umidade. Contudo, a praga foi controlada e não houve significativos danos econômicos aos produtores. A rentabilidade no Nordeste foi positiva no geral da safra, porém, o maior volume de cebolas ficou concentrado em maio e junho, períodos que as cotações ainda estavam em baixos patamares. De julho a setembro, por outro lado, houve menor oferta, visto que produtores limitaram o

plantio para colher nessa época, devido aos baixos preços obtidos no ano anterior. A rentabilidade foi positiva em 48% na Bahia e em 31% no Vale do São Francisco. Em Irecê, os preços médios nesta safra foram de R\$ 0,80/kg e os custos, estimados em R\$ 0,54/kg. No Vale do São Francisco, a cotação média foi de R\$ 0,80/kg, enquanto os custos de produção, de R\$ 0,61/kg. Para 2018, as estimativas indicam uma nova redução de área cultivada com cebola no Nordeste. Isso porque, além de parte dos cebolicultores estarem descapitalizados, devido à baixa rentabilidade no primeiro semestre de 2017, as praças enfrentam um longo período de seca, que pode limitar ainda mais o plantio na região.

Área em Mossoró se reduz em 30%, devido à crise hídrica

A área destinada ao cultivo de cebolas foi reduzida em expressivos 30% em Mossoró (RN), região que oferta seus bulbos entre agosto e janeiro. O principal motivo do recuo é a falta de água, que limita os investimentos dos produtores, pois o volume hídrico não é suficiente para a irrigação das lavouras. A alternativa encontrada para enfrentar esse cenário é a diversificação das culturas, principalmente para produtos que demandam menos água, como por exemplo, mamão. Entretanto, mesmo com a escassez de água, a produtividade da temporada 2017 foi satisfatória. Na parcial da safra (maio a novembro), fechou em 62,5 t/ha. Quanto à rentabilidade em Mossoró, também foi positiva em 74%. Os preços médios foram de R\$ 1,13/kg da caixa 3 beneficiada, com custos de produção estimados em R\$ 0,65/kg. O clima foi mais benéfico à produção de cebola em 2017 em Mossoró, com chuvas no período do outono, que contribuíram para aumentar um pouco as reservas de água, e consequentemente, melhorar as expectativas dos

Beatriz Papa Casagrande

é analista do mercado de CEBOLA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Beatriz sobre as projeções de cebola para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



produtores. Com isso, as estimativas iniciais são de manutenção dos 350 hectares de área para 2018.

Com boa produção brasileira, importações são menores em 2017

Pelo terceiro ano consecutivo, a Europa foi a principal fornecedora de cebolas ao Brasil. No primeiro semestre de 2017, as importações registraram um total importado de 54 mil toneladas, segundo a Secex, volume acima do esperado, sendo que 30 mil toneladas vieram da Europa e 22 mil t, da Argentina. No geral, o total adquirido foi bem menor que o do mesmo período de 2016, cerca de 66% de redução, quando foram importadas 171 mil toneladas. Vale lembrar que, no ano passado, houve quebra de safra no Sul do Brasil e na Argentina, o que elevou a demanda por cebolas estrangeiras. Mesmo com menor volume importado em 2017, a entrada de cebolas importadas contribuiu para o aumento na oferta, que foi bastante elevada no País, inibindo uma valorização dos bulbos no primeiro semestre. Geralmente na segunda parte do ano não há grande aquisições de cebolas, uma vez que a oferta nacional é suficiente para abastecer o mercado doméstico. A partir de agosto, se inicia a nova safra da Europa, porém, até o fechamento dessa edição, não houve significativas negociações para a entrada de bulbos internacionais, e a tendência é que as compras permaneçam baixas. Para 2018, a decisão dos importadores em trazer ou não cebola da Europa irá depender do comportamento dos preços. Segundo colaboradores, não há expectativa de importar novamente um volume significativo no primeiro semestre do próximo ano, visto a desvalorização

zação do bulbo nacional nos últimos três anos e a boa produção do Sul.

Produtividade no Sul será menor na safra 2017/18

Devido aos bons resultados nas safras anteriores (2014/15 e 2015/16), as regiões produtoras do Sul aumentaram em 0,9% a área destinada ao cultivo de cebola. Na 2015/16, as condições climáticas adversas, por conta do *El Niño*, ocasionaram quebra em até 50%, resultando em preços elevados durante todo o período. Contudo, na safra 2016/17, o clima foi bastante favorável à cultura,

desde o desenvolvimento dos bulbos até a colheita. Desta forma, os aumentos de área nas temporadas anteriores aliado à excelente produtividade fizeram com que a oferta ficasse bastante elevada. Assim, os preços estiveram muito próximos dos custos de produção: R\$ 0,67/kg de novembro a maio, enquanto os custos foram de R\$ 0,55/kg. Com resultados insatisfatórios, a área neste ano se reduziu 4,2%, devido à saída de aventureiros do setor da cebola e de menores investimentos dos produtores. Dada a redução de área, para esta temporada (2017/18), que se iniciou em novembro, a expectativa é de melhores

cotações, cenário que já foi observado em novembro, visto que ficaram na média de R\$ 0,71/kg ao produtor, 31% acima dos custos (R\$ 0,54/kg). Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a produtividade na safra 2017/18 pode ser menor que a normal, devido às altas temperaturas e à estiagem de 40 dias durante o período de desenvolvimento dos bulbos (setembro), que não costumam ocorrer no Sul. Além disso, o mês de outubro foi marcado por temperaturas mais amenas, e essa elevada amplitude térmica pode resultar em maior quantidade de bulbos de menor calibre (caixa 2).

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Variação (%)
Divinolândia (SP) - bulbinho*	Divinolândia	230	230	0%
Piedade (SP) - bulbinho	Piedade	100	100	0%
Piedade (SP) - híbrida	Piedade	550	550	0%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.150	1.150	0%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo, Divinolândia, São Roque, Itobi, Casa Branca, Vargem Grande e Mococa	2.000	2.000	0%
Triângulo Mineiro	Uberaba, Rio Paranaíba, São Gotardo, Ibiá, Santa Juliana, Patrocínio, Araxá, Perdizes, Sacramento, Lagoa Formosa e Patos de Minas	2.500	2.750	10%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	350	350	0%
Cerrado (GO)	Brasília e Cristalina	2.200	2.420	10%
Irecê (BA)**	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	2.560	2.040	-20%
Vale do São Francisco (BA e PE)	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	5.000	3.700	-26%
Chapada Diamantina (BA)	Mucugê, Cascavel e Ibicoara	300	300	0%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016/17	2017/18	Variação (%)
São José do Norte (RS)	São José do Norte	2.200	2.000	-9%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.530	1.530	0%
Irati (PR)	Irati, Fernandes Pinheiro, Imbituva, Palmeira, Guamiranga, Campo Magro	1.600	1.376	-14%
Curitiba (PR)		4.600	4.000	-13%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitibaanos e Lebon Régis	2.000	1.800	-10%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos/Agrolândia, Alfredo Vagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	17.000	17.000	0%

* Na região de Divinolândia separou-se a safra de bulbinhos e de híbridas. A área correspondente a híbridas foi somada à região de São José do Rio Pardo.

** Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA).

Lançamento

Cebola Híbrida Duster.
Qualidade e beleza,
da lavoura à mesa.



Cebola Híbrida
Duster

A **Cebola Híbrida Duster** da Seminis® possui folhas de alta sanidade e excelente enraizamento. Os bulbos uniformes, a retenção de casca e a ótima coloração fazem mais do que valorizar as sacas após a colheita - evidenciam resistência a doenças e grande produtividade. **Cebola Híbrida Duster**, produtividade e beleza desde a lavoura.
Resistências: HR - Pt; IR - Foc.



CEBOLA


Seminis

www.seminis.com.br

CRISE HÍDRICA AINDA LIMITE E PODE IMPACTAR NAS EXPORTAÇÕES

Números do MELÃO em 2017

-20,5%

Redução de área
no Vale do São Francisco (BA/PE)

-8%

Queda na produtividade
da parcial da safra
2017/18 no RN/CE

5%

Diferença entre o preço médio do amarelo no Vale e no RN/CE (abril a julho)

122 mil toneladas

Volume exportado
na parcial da safra 2017/18
(janeiro a novembro)

Crise hídrica limita produtividade no RN/CE, mas área aumenta

A severa crise hídrica no Rio Grande do Norte/Ceará, que compromete a região há anos, deve continuar afetando a cultura do melão na safra 2017/18, sobretudo a produtividade. Levantamentos do Hortifruti/Cepea apontam queda de 8% do rendimento no campo na parcial desta safra (agosto a novembro) frente ao mesmo período do ano passado. Segundo os colaboradores consultados, esse cenário está atrelado principalmente à salinização da água, que reduz o calibre e o teor de açúcar (*°brix*) dos melões, e à maior incidência de mosca-minadora, que também afeta o teor de açúcar, além da aparência da fruta. Neste cenário, para tentar obter maior retorno financeiro com a venda de melão, alguns produtores, principalmente os capitalizados, elevaram os investimentos na perfuração de poços, o que resultou no aumento da área com a fruta no RN/CE. Com isso, estimativas indicam um leve crescimento de 2% na área potiguar/cearense de melão na safra 2017/18 frente a anterior, somando 12.545 hectares. O cenário pode ser mais positivo em 2018. Como a rentabilidade pode seguir positiva e há possibilidade de chover no Nordeste no início do ano – devido ao fenômeno *La Niña*, que tem 65% de probabilidade de ocorrer –, o volume dos reservatórios pode se elevar e produtores devem se animar para recuperar a produção.

Com irrigação e rentabilidade limitadas, área recua no Vale

A falta d'água vem afetando a produção de melão e, com isso, a área com a fruta tem sido limitada. Neste ano, a área de melão diminuiu 20,5% no Vale

do São Francisco (BA/PE), totalizando 1.750 hectares (somando os períodos de safra e o segundo semestre - entressafra). Nessa região, o volume do reservatório de Sobradinho está baixo, o que resultou na redução da irrigação (proibida às quartas-feiras até o final de novembro), principalmente para lavouras temporárias, como o melão, levando produtores a priorizar o plantio de culturas perenes no Vale. Além disso, houve relatos de que a aparição de viroses, oídio e mosca-minadora também afetaram a produção local. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, a redução da área também está atrelada à dificuldade financeira de se realizar o cultivo, sobretudo a irrigação, já que, neste ano, a rentabilidade foi limitada e a demanda esteve enfraquecida. Entre janeiro e novembro, o preço do melão amarelo vendido a granel no Vale do São Francisco teve média de R\$ 0,86/kg, valor 46% acima do custo unitário estimado para a cultura. Este ano, o preço unitário esteve, ainda, 22% abaixo da média de 2016. Para o próximo ano, se as precipitações forem mais regulares, a área do Vale pode se recuperar.

Preço da caixa do Vale supera o do RN/CE

Diante da possibilidade de a crise hídrica afetar a qualidade e a produtividade do melão no Vale do São Francisco (BA/PE) em 2017, maiores investimentos em tecnologia foram realizados por alguns produtores da região, para tentar garantir a qualidade das frutas. No geral, um maior volume de sementes F1 foi utilizado na praça nordestina, conforme colaboradores do Hortifruti/Cepea. Com isso, o melão baiano/pernambucano teve boa demanda, tanto por parte de compradores nacionais quanto de estrangeiros – produtores do Vale reportaram vendas (ainda restritas) a alguns países da

TA ÁREA ORTAÇÕES

Marcela Guastalli Barbieri

é analista de mercado de MELÃO.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Marcela sobre as projeções de melão para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



América Latina, Europa e Ásia. Com isso, os melões do Vale tiveram maior preço frente aos do Rio Grande do Norte/Ceará em 2017. Entre abril e julho, o valor recebido pela caixa de 13 kg do melão amarelo no Vale foi 5% superior ao do RN/CE. Esse cenário também resultou das chuvas na região naquele período, que limitaram a qualidade e pressionaram as cotações da fruta local. Contudo, a qualidade da fruta do Vale diminuiu no segundo semestre, refletindo o menor investimento nas lavouras, já que o retorno da safra principal foi reduzido. No primeiro semestre de 2018, as cotações podem ser pressionadas se houver problemas com a qualidade, que pode ser prejudicada pelas chuvas previstas para o período.

Após forte início em agosto, exportações recuam

O Rio Grande do Norte/Ceará tem exportado cerca de 75% da produção local de melão na safra 2017/18. No entanto, neste ano, a menor produtividade observada na região, por conta da seca, tem prejudicado os envios, principalmente à União Europeia, o maior comprador da fruta brasileira. Uma das consequências da crise hídrica nessa praça é a falta de padrão no tamanho

dos melões (ora mais graúdos, ora mais miúdos). Mesmo com este cenário, as exportações da safra 2017/18 do RN/CE se iniciaram fortes em agosto, devido à finalização antecipada da produção europeia, em especial na Espanha, que registrou temperaturas elevadas no verão. No entanto, com a produtividade prejudicada, os embarques recuaram a partir de setembro. Com isso, apesar de o início da safra ter sido satisfatório em termos de volume, o Brasil exportou 122 mil toneladas entre agosto e novembro, baixa de 4,5% frente ao mesmo período de 2016, segundo a Secex. Já a receita obtida com esses envios totalizou US\$ 91 milhões, leve alta de 3,6% na mesma comparação – o preço (US\$ FOB) está 8% maior nesta campanha frente a anterior. O maior direcionamento das frutas ao mercado doméstico acabou prejudicando a comercialização interna. Vale lembrar que as vendas internacionais seguem até março/18, bem como o período de safra na região potiguar/cearense. Exportadores da praça nordestina acreditam que os ganhos totais da temporada podem ser similares aos da safra anterior (2016/17), quando a receita somou US\$ 148 milhões, e o volume, 227 mil toneladas.

Safra espanhola tem rentabilidade limitada em 2017

A rentabilidade da safra de melão da Espanha diminuiu neste ano, de acordo com os portais Fresh Plaza e Hortoinfo. Apesar de positivo, o resultado da campanha de Almería, primeira região a colher, foi limitado. Os bons ganhos dessa praça na safra 2017 se devem à redução da área cultivada e ao aumento do rendimento. A região de Murcia (segunda a colher), por sua vez, vinha com uma campanha pouco rentável devido ao acúmulo de frutas por conta do baixo consumo, tanto interno quanto externo, e do cultivo de variedades precoces – que saturaram o mercado mesmo no fim da temporada. Já em Castilla-La Mancha, última região espanhola a ofertar, o preço médio do melão diminuiu, refletindo a sobreposição da oferta com Murcia. No encerramento da temporada daquele país, no entanto, a oferta diminuiu, já que apenas Castilla-La Mancha estava colhendo no período, cenário que impulsionou as cotações para patamares recordes. Mesmo assim, a média da campanha ficou bem próxima dos custos de produção, desanimando agricultores para 2018.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Variação (%)
Vale do São Francisco ¹	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.200	1.750	-20%

Região (safra de agosto a março)	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016/17	2017/18	Variação (%)
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	12.300	12.545	2%

¹ A área corresponde à soma da safra principal (colheita de abril a julho) com o período de entressafra e final de ano.

Fonte: Hortifruti/Cepea.

SAFRA 2017/18 É A SEGU MAIOR DA HISTÓRIA

Números dos CITROS em 2017

+57%

Aumento da produção
em 2017/18 (estimativa de
dezembro do Fundecitrus)

R\$ 43,91
/CX

Preço recorde nominal
da laranja pera no mercado
de mesa (fevereiro)

46
milhões

Safra da FL
em 2017/18, após furacão Irma
(dezembro, USDA)

+93%

Recuperação dos estoques
ao final de 2017/18 (estimativa
de agosto da CitrusBR)

Safra 2017/18 é marcada por maior produção, contratos antecipados e moagem a 100%

A maior safra do cinturão citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro) em 2017/18, de 385,20 milhões de caixas de 40,8 kg (57% superior a 2016/17), segundo a estimativa de dezembro do Fundecitrus, alterou o cenário das processadoras de laranja neste ano. Antes do dimensionamento da produção, as grandes indústrias paulistas iniciaram as contratações da fruta (no último trimestre de 2016), fechando negócios até R\$ 26,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta – sem diferenciação entre as variedades precoces, meia-estação e tardias. Este cenário de maiores preços não se repetiu no correr de 2017 e limitou novas compras no *spot*, uma vez que, com parte do volume já contratado e sem expectativa de forte restrição na oferta da matéria-prima, as processadoras estiveram mais tranquilas quanto ao abastecimento. Assim, os valores das novas compras se fixaram em torno de R\$ 18,00/cx neste ano. Fundamentados no maior volume previsto para a atual safra, agentes industriais acreditam que a moagem ainda deve ser intensa no início de 2018. Vale lembrar que, desde o início das atividades deste ano, as indústrias operaram em ritmo acelerado, a 100% da capacidade em praticamente todas as unidades.

Estoque de suco deve se recuperar em 17/18, mas sem excessos

A maior produção do cinturão citrícola brasileiro deve resultar em recuperação de 93% dos estoques nas processadoras paulistas em junho de 2018, segundo estimativa da CitrusBR divulgada em agosto de 2017. O cenário, no en-

tanto, não deve ser de excesso de oferta de suco. Com estoques de passagem estimados em 207,6 mil toneladas de suco de laranja em equivalente concentrado, a maior produção de laranjas ocorreu em um bom momento, tendo em vista a necessidade de ao menos recuperar parte do volume da *commodity* em estoque. A previsão de processamento, por sua vez, é de 314,4 milhões de caixas de 40,8 kg, com rendimento médio de 267,33 caixas para a produção de uma tonelada de suco – abaixo da média dos últimos 10 anos, mas superior ao verificado nas últimas duas safras. Assim, os dados da CitrusBR indicam que a safra volumosa será suficiente apenas para amenizar os estoques bastante baixos de 2016/17, dependendo, ainda, do rendimento industrial e da confirmação de moagem acima de 300 milhões de caixas. Apesar da recuperação, a estes patamares, as indústrias seguem dependentes de boa produção em 2018/19 para manter volumes satisfatórios como reserva.

Maior oferta reduz preços da pera em 2017

Nos primeiros meses de 2017, o período de entressafra elevou com força os preços da laranja pera no mercado *in natura*. Em fevereiro, o preço médio da fruta atingiu R\$ 43,91/cx de 40,8 kg, 118% superior ao verificado no mesmo mês de 2016 e recorde nominal da série do Cepea, iniciada em 1994. Já de maio em diante, a oferta elevada e as compras limitadas no *spot* pressionaram as cotações da fruta, que registraram patamares inferiores aos de 2016. Em novembro, por exemplo, a média da pera esteve 42,4% abaixo da do mesmo mês do ano anterior, em termos nominais. Colaboradores do Hortifruti/Cepea apostam em recuperação dos preços nos próximos meses,

Caroline Ribeiro
e **Laleska Rossi Moda**

são analistas de mercado de CITROS.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Caroline e Laleska sobre as projeções de citros para 2018 em www.hifbrasil.org.br/hfentrevista



fundamentados na redução da oferta e na “janela” antes do início da colheita das primeiras precoces de 2018/19. Além disso, com o clima mais quente, a demanda por cítricos pode se aquecer.

Produção da safra 2018/19 segue incerta

A expectativa para a produção de laranja em 2018/19 segue incerta e preocupa cada vez mais citricultores paulistas. Isso porque, após uma florada principal considerada satisfatória, o pegamento foi prejudicado pelas chuvas abaixo da média em setembro e outubro e pelas temperaturas elevadas. Produtores estimaram abortamentos que chegam a 50% dos chumbinhos (principalmente de pera rio, mais sensível ao clima). Até em pomares com irrigação, do centro e norte do estado, houve maior taxa de queda. Contudo, foram observados indícios de novas florações no fim de outubro – o que pode amenizar, em partes, as perdas já ocorridas, caso a fixação seja satisfatória. Mesmo assim, os volumes de frutos devem ser inferiores aos que viriam da florada principal. Há comentários, inclusive, de que os impactos do clima na produção paulista podem ser equivalentes, ou até superiores (em número), aos do Furacão Irma na Flórida. A única região que registrou bom desenvolvimento das plantas foi a sudoeste, onde o clima costuma ser mais ameno e úmido, o que beneficiou o pegamento da florada principal.

Primeiras propostas das indústrias são de até R\$ 20,00/cx

As primeiras propostas de aquisição das laranjas da safra 2018/19 foram relatadas no mercado paulista em me-

dos de novembro. Ainda que de forma pontual, as grandes processadoras sinalizaram possíveis negociações ao redor dos R\$ 20,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica, com adicional de participação no preço de venda do suco no mercado internacional. Em meio ao consenso de que a próxima temporada será inferior à atual (que produziu um dos maiores volumes da história), produtores estavam ansiosos por um posicionamento em relação aos valores. Os preços propostos inicialmente pela indústria são superiores aos do mercado *spot* nesta safra, mas inferiores aos da temporada 2016/17, quando a oferta foi restrita (média de R\$ 22,02/cx entre julho e dezembro de 2016).

Flórida registra mais um ano de baixa produção

Por mais um ano, a Flórida, maior estado produtor de citros dos Estados Unidos, deve registrar uma das menores safras da história. Se em 2016/17 as 68,7 milhões de caixas colhidas resultaram na menor produção em 53 anos (e 16% inferior à da limitada safra 2015/16), para esta temporada, as estimativas indicam resultados ainda mais negativos – o que já era esperado por agentes do setor. No último relatório divulgado pelo USDA, em dezembro, a produção local foi estimada em apenas 46 milhões de caixas, recuo de 33% em relação à safra passada e de 8% na comparação com os dados de novembro. Nesta temporada, além dos severos danos decorrentes do *greening*, a citricultura da Flórida foi prejudicada pelo furacão Irma, que atingiu o local em setembro – causando quedas de árvores, de frutas e alagamento do solo. O resultado final da produção local será divulgado em 2018.

Brasil deve se atentar ao cenário de oferta restrita

Considerando-se mais um ano de baixa produção de laranja na Flórida, a oferta global de suco de laranja atrai a atenção de agentes do setor. Isso porque, com nova queda nos estoques de suco locais, a necessidade de importação da *commodity* pode se elevar – justamente quando o Brasil produz uma safra 57% superior à passada. Contudo, há de se considerar que os efeitos do clima em São Paulo podem comprometer a disponibilidade de laranjas na próxima temporada, o que pode impactar na oferta nacional de suco. Assim, mesmo com a previsão de recuperação dos estoques em junho/18, o cenário de baixa oferta das indústrias paulistas deve ser apenas amenizado – o que torna o País capaz de suprir a demanda global, mas sem excessos.

Exportações de suco brasileiro já estão em alta

O cenário de baixa produção na Flórida já tem refletido nas exportações brasileiras de suco de laranja em equivalente concentrado aos Estados Unidos – os embarques cresceram 56% na parcial da safra (de julho a novembro/17) em relação ao mesmo período da temporada passada. Os envios parciais para todos os países, por sua vez, foram de 514 mil toneladas no período, 22% superiores na mesma comparação. As perspectivas de agentes do setor seguem positivas, fundamentadas na recuperação dos estoques de suco de laranja, ainda que de forma parcial, permitindo que o Brasil supra a maior necessidade norte-americana e

reabasteça os estoques de engarrafadoras europeias. Já na temporada 2016/17 (julho/16 a junho/17), os envios se encerraram com queda de 17% em relação à anterior, totalizando 950,92 mil toneladas – impactados, principalmente, pela menor produção de laranja no cinturão citrícola brasileiro.

Maior safra de poncã em 2017 pode limitar produção do próximo ano

A safra paulista de tangerina poncã de 2017 teve maior produção e melhor qualidade frente à do ano anterior. Com o clima favorável ao desenvolvimento da variedade no segundo semestre de 2016, a colheita se estendeu de janeiro a julho – uma vez que os estágios mais diversificados das frutas nos pomares permitiram colheita escalonada. No geral, a produção de poncã paulista vinha sendo

baixa nos últimos anos, com safras bem distribuídas, sem picos de oferta e sem ultrapassar quatro meses de duração. Para 2018, produtores apostam em volume inferior ao de 2017 – fundamentados no clima mais quente e seco no segundo semestre deste ano e no possível impacto da grande carga das plantas em 2017 sobre a produtividade de 2018.

Exportação de tahiti atinge recorde no 1º semestre

Ao contrário de 2016, quando os valores da lima ácida tahiti atingiram recordes, em 2017, a disponibilidade da fruta foi mais próxima à usual, resultando em cenário de preço menor no primeiro semestre, devido à maior oferta, e de recuperação gradual no segundo, por conta da entressafra. Apesar de haver menos picos de preços, na parcial de 2017 (janeiro a novembro),

o preço da tahiti (de R\$ 33,33/cx de 27 kg, colhida) foi 178,4% superior à média do mesmo período de 2016, em termos nominais. Do lado da demanda, o destaque fica para as exportações de tahiti, que, até julho/17, registraram volumes recordes. Já no segundo semestre, com a menor produção interna, o aumento dos preços e a concorrência com a safra mexicana, os embarques recuaram. Colaboradores do Hortifrutti/Cepea ainda estão incertos quanto à quantidade e qualidade das frutas para 2018, tendo em vista o clima quente e seco registrado nos últimos meses, que pode ter comprometido o desenvolvimento das floradas em pomares sem irrigação. Segundo agentes, as demandas externa e industrial devem ser firmes no próximo ano, mas os preços ainda dependerão da oferta no período.

ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		Fonte	2016/17	2017/18*	Variação (%)
Volume de Produção ¹	milhões de caixas	Fundecitrus	245,31	374,06	52,5%
Produtividade ¹	caixas/pé	Fundecitrus	1,40	2,14	52,9%
Pés em Produção ¹	milhões de árvores	Fundecitrus	175,55	174,78	-0,4%
Produção de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	701,93	1.176,34	67,6%
Vendas de Suco nos mercados interno e externos ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	946,13	1.106,83	17%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	107,38	207,57	93,3%

* Os dados de 2017/18 são passíveis de alterações.

¹ Os dados de volume de produção, produtividade e de pés em produção abrangem a produção paulista e do Triângulo Mineiro.

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado).

Dados de produção de suco, exportação e estoque referentes à 2017/18 são estimativas de agosto/17 da CitrusBR.

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		Fonte	2016/17*	2017/18*	Variação (%)
Volume de Produção	milhões de caixas	USDA	68,75	50,00	-27,3%
Produtividade	caixas/pé	USDA	1,32	1,00	-24%
Pés em Produção	milhões de árvores	USDA	52,20	50,08	-4%
Disponibilidade de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	808,38	672,18	-6,7%
Vendas ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	538,16	484,34	-10%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	267,98	187,84	-23,5%

* Os dados de 2017/18 são passíveis de alteração.

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado).

Dados referentes a 2017/18 para a Flórida são cálculos do Cepea, considerando as estimativas de produção e rendimento do USDA, importação de 200 mil toneladas e redução de 10% nas vendas.

PREÇOS BAIXOS E MARGENS LIMITADAS MARCAM 2017

RS pode ter resultados positivos em 2017/18

O Rio Grande do Sul já teve a maior área de melancia entre os estados pesquisados pelo Hortifruti/Cepea. Contudo, adversidades climáticas (na maioria dos casos, excesso de chuvas) e elevada incidência de doenças têm modificado esse cenário. Nesta temporada, a área das três praças gaúchas (Arroio dos Ratos, Encruzilhada do Sul e Bagé) deve ser 16% menor em relação a 2016/17, devido à descapitalização dos produtores e aos problemas fitossanitários da safra anterior. Apesar da menor área, as expectativas para a atual temporada são positivas, com boa produtividade, devido ao clima favorável no período de plantio e desenvolvimento. No primeiro mês da safra (novembro), o preço médio da melancia graúda foi de R\$ 0,65/kg. A temporada 2016/17, por sua vez, teve área plantada de 7.500 hectares. A colheita foi iniciada em novembro de 2016 e seguiu até março de 2017, registrando resultados positivos. A produtividade da 2016/17 superou em cerca de 69% a de 2015/16 na média das três regiões gaúchas. Assim, apesar dos menores preços médios, devido à maior oferta, os custos foram diluídos, garantindo rentabilidade positiva.

Seca, atraso na safra de arroz e liminar do governo limitam área no TO

O plantio em Formoso do Araguaia e Lagoa da Confusão (TO), que normalmente é realizado entre abril e julho, registrou queda de 38% frente a 2016, sendo de 4 mil hectares neste ano. Esse cenário se deve, além da seca, principal fator limitante da área, ao atraso na safra de arroz, que impossibilitou as atividades em abril e à uma liminar do governo estadual que restringiu o plantio até 10 de junho, a fim de con-

trolar a utilização de água na região. Com isso, produtores que pretendiam plantar na segunda quinzena de junho migraram para cidades-satélites do estado, como Gurupi e Porto Nacional, acentuando ainda mais a queda nas áreas de melancia das duas regiões tocantinenses. A colheita, por sua vez, foi iniciada em julho e seguiu até a segunda semana de setembro, com volume firme e qualidade acima do padrão regional, o que aumentou a competitividade da fruta local no período. Apesar disso, a maior concentração da colheita e o aumento da área em Goiás, principal concorrente do Tocantins, pressionou as cotações: a melancia graúda (>12 kg) registrou média de R\$ 0,51/kg no TO, recuo de 13% frente a 2016. Ainda assim, melancicultores consideram a temporada satisfatória, principalmente devido à menor incidência de pragas. A crise hídrica, por outro lado, ainda é o maior fator limitante para o cultivo da melancia no Tocantins, cenário que pode continuar freando investimentos em 2018.

Menor produtividade limita ganhos, mas resultados ainda são positivos em GO

A safra 2017 de Uruana (GO) teve início no final de abril e seguiu até meados de novembro, com área plantada de 6.500 hectares, 30% superior ao ano anterior. Essa elevação se deve aos bons resultados de 2016. Apesar disso, a queda na produtividade (em média 11% menor que a de 2016), devido ao clima frio e à maior incidência de pragas, principalmente no começo da safra, limitou o aumento na oferta. Quanto aos preços médios, ficaram em torno de R\$ 0,52/kg para a melancia graúda (>12 kg), recuo de 10% frente à temporada anterior. Além disso, os períodos de oferta simultânea com o Tocantins também pressionaram as cotações, pois, além de ter safra mais concentrada, a qualidade das frutas

Números da MELANCIA em 2017

69%

Aumento na produtividade no RS na safra 2016/17

30%

Aumento de área em Uruana (GO)

-38%

Redução de área em Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia (TO)

70 mil toneladas

Exportações recordes de melancia em 2016/17 (agosto/16 a abril/17)



Mariane Novais Olegário de Souza

é analista de mercado de MELANCIA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Mariane sobre as projeções de melancia para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista

tocantinenses foi satisfatória. No geral, mesmo com margem inferior ao ano passado, os resultados foram positivos, o que pode manter os investimentos em 2018.

Baixos resultados da safrinha impactam safra principal

A safrinha paulista de 2017 (de fevereiro a abril) registrou queda de 9% na área plantada. Os resultados dessa temporada ficaram abaixo do esperado, devido à alta disponibilidade de outras praças que também ofertam no período. A produtividade também foi menor, em função da falta de chuvas na época de enchimento, aumentando a participação de frutas médias e miúdas. A melancia graúda (>12 kg) teve preço médio de R\$ 0,49/kg, 40% inferior ao da safrinha 2016, mas cerca de 30% superior aos custos unitários de produção. Esse cenário impactou os investimentos na safra principal 2017/18, que teve início em setembro/17 e deve seguir até o início de janeiro/18. A área de plantio da temporada 2017/18 foi em média 17% menor e, até o início de dezembro, a produtividade estava satisfatória. No entanto, produtores temem que o maior volume de chuvas no período de colheita possa impactar as lavouras. Na parcial da safra (setembro a novembro), os preços médios foram de R\$ 0,43/kg para a melancia graúda (>12 kg), 4% inferiores aos de 2016. A safrinha

2018, por sua vez, deve se intensificar em março, e as expectativas vão depender do volume ofertado em Bagé (RS) e em Teixeira de Freitas (BA) – nesta última região, pode ter concentração da colheita na segunda parte da safra (de fevereiro a abril).

Clima impacta plantio na Bahia

A safra 2017/18 de melancia teve seu plantio iniciado em agosto/17, devendo seguir até fevereiro/18. A previsão é de que a área seja 35% menor em relação à temporada anterior.

Esse cenário se deve, em geral, à crise hídrica no estado da Bahia, ainda que as chuvas no período de plantio também tenham limitado o semeio da primeira parte da temporada. A colheita teve início na primeira semana de novembro, ainda com chuvas na lavoura, o que prejudicou o carregamento e as atividades de campo. Como consequência da menor área na primeira parte da safra, melancicultores devem concentrar a maior produção na segunda parte da temporada (de fevereiro a abril). Neste contexto, a oferta de frutas baianas deve ser maior no primeiro semestre de 2018, cenário que pode pressionar as cotações locais e em outras praças. Na temporada 2016/17 (out/16 a abril/17), por sua vez, a safra registrou boas produtividades

e qualidade. Apesar dos menores preços (em virtude, principalmente, da maior oferta gaúcha), estes ainda superaram em 23% os custos unitários de produção.

Após recorde em 2016/17, exportações seguem firmes

Na temporada 2016/17 (agosto a março), o Brasil exportou volume recorde de 70,7 mil toneladas de melancia, aumento de 25% em relação a 2015/16, segundo a Secex. O aumento dos envios foi resultado da maior demanda da União Europeia, dos ganhos em produtividade e do mercado interno desfavorável. A safra 2017/18, por sua vez, foi iniciada em agosto deste ano e os envios têm novamente apresentado bom ritmo. Na parcial da temporada (agosto a novembro/17), foram enviadas 47,2 mil toneladas, segundo a Secex, aumento de 2% em relação ao mesmo período de 2016. Apesar do elevado volume enviado nesta parcial, há temores quanto à produtividade das lavouras, que pode impactar no desempenho das exportações nos próximos meses. O principal motivo é a crise hídrica, que está resultando em elevada salinidade da água e menor calibre das melancias. A temporada deve ser encerrada em março/abril, sendo esperados bons resultados.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELANCIA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Variação (%)
Tocantins	Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia	6.500	4.000	-38,5%
Goiás	Uruana	5.000	6.500	30%
São Paulo	Presidente Prudente, Marília, Oscar Bressane e Itápolis	9.105	7.800	-14,3%
Rio Grande do Sul	Arroio dos Ratos, Triunfo, Montenegro, Encruzilhada do Sul e Bagé	8.000	6.700	-16,3%
Bahia	Teixeira de Freitas	4.000	2.600	-35%
Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE)	RN: Mossoró, Baraúna e Apodi - CE: Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré	2.000	2.000	0%

Fonte: Hortifruti/Cepea.

Experimente
a melancia dos
sonhos e deixe
seu dia muito
mais doce.



Prove e surpreenda-se.

syngenta®

PREÇO BAIXO LIMITA RENTA E AFETA INVESTIMENTOS

Números do MAMÃO em 2017

-9,7%

Redução da área de mamão em 2017

-75%

Queda no preço do havaí no ES e no Sul da BA

-17%

Diferença entre o preço e o custo médio do havaí no ES e no Sul da BA (janeiro a novembro)

36,7 mil toneladas

Recorde de exportações (janeiro a novembro)

Área tem nova redução significativa em 2017

A área cultivada com mamão nas principais regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea voltou a diminuir significativamente neste ano. Apesar das expectativas iniciais positivas (devido aos elevados preços no ano passado), a área alocada à fruta teve redução de 9,7% frente à de 2016, somando apenas 12.470 hectares. O recuo tem ocorrido ano a ano, influenciado principalmente pela crise hídrica no semiárido brasileiro, onde está localizada a maior parte da mamocultura nacional. Neste ano, contudo, a rentabilidade limitada desde o início do ano também influenciou o cenário, tendo maior impacto sobre a área no segundo semestre. No ano passado, a seca afetou todas as regiões. Neste ano, no entanto, o regime de chuvas está mais regular, mas ainda segue abaixo da média, não revertendo os problemas hídricos e desestimulando o plantio. Além destes fatores, a presença de viroses nos pomares, como meleira e mosaico, também dificultou a manutenção da mamocultura em 2017. Segundo colaboradores, o mosaico foi o principal responsável pela redução da área de mamão havaí no litoral do Rio Grande do Norte. A presença de viroses também foi observada em outros estados (ES e BA), mas com maior controle. Dentre as praças acompanhadas, as maiores reduções de área foram observadas no Norte do Espírito Santo (-15%), no Rio Grande do Norte (-14%) e no Sul da Bahia (-11%). Como as margens devem ser apertadas no acumulado do ano, desestimulando investimentos na cultura, as expectativas para 2018 são de novas reduções.

Norte de MG e Oeste da BA têm maiores investimentos

Apesar das reduções de área e da presença de viroses em algumas praças, melhores resultados foram observados nas regiões exclusivamente produtoras de mamão formosa em 2017. Enquanto que no Norte de Minas Gerais a área permaneceu estável frente à do ano anterior, no Oeste da Bahia, houve incremento de 11%, principalmente no segundo semestre. Este aumento está relacionado aos maiores preços pagos aos produtores da região em 2017 e à intenção de novos investimentos por conta das exportações positivas. Mamo-cultores do oeste baiano acreditam também que as possíveis reduções de área em outras regiões produtoras em 2018 podem estimular o consumo e a exportação do mamão local.

Preços caem e limitam rentabilidade em 2017

Neste ano, as cotações do mamão estiveram bem abaixo das registradas em 2016. Para o formosa, os valores caíram 57% frente ao mesmo período do ano passado (janeiro a novembro), considerando todas as regiões produtoras, exceto o Rio Grande do Norte. Para o havaí, o recuo foi de 75% na mesma comparação. Segundo colaboradores, essas desvalorizações estão atreladas ao maior volume produzido em algumas praças, à baixa liquidez e à maior incidência de manchas fisiológicas e doenças fúngicas, que afetaram a qualidade da fruta. A maior disponibilidade, por sua vez, está relacionada aos preços recordes em 2016 (principalmente para a variedade havaí, que chegou a ser comercializado por R\$ 5,00/kg, em média) e à ligeira recuperação da produtividade em algumas regiões. Já a menor qualidade pode ser explicada pelas oscilações do clima (ora seco, ora chuvoso). Como os menores patamares de

BILIDADE EM 2018

Marcela Guastalli Barbieri

é analista de mercado de MAMÃO.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Marcela sobre as projeções de mamão para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



preço no mercado nacional diminuíram a rentabilidade do produtor em 2017, os investimentos na atividade tendem a ser limitados no próximo ano.

Clima prejudica qualidade e produtividade

A estiagem voltou a prejudicar os pomares de mamão de algumas regiões produtoras em 2017, atrapalhando o “pegamento” da florada e reduzindo a produtividade. Com isso, os custos de produção aumentaram, refletindo, além da seca, a incidência de pragas e maiores gastos com energia. No Norte do Espírito Santo, Norte de Minas Gerais, Oeste da Bahia e interior do Rio Grande do Norte, apesar das chuvas mais frequentes neste ano, problemas hídricos e ácaros afetaram a qualidade da fruta durante o inverno brasileiro, favorecendo a incidência de manchas fisiológicas devido à maior exposição da fruta às intempéries – em momentos de temperaturas mais elevadas, frutos carpeloides, fora do padrão de comercialização, também foram observados.

Contudo, o maior volume de chuvas em certos períodos, principalmente no Sul da Bahia e no litoral do Rio Grande do Norte, elevou a participação de fungicidas nos custos de produção. No segundo semestre, inclusive, a incidência de doenças fúngicas e viroses aumentou em algumas localidades, refletindo também a redução dos investimentos nos cuidados preventivos da cultura. Para 2018, agências meteorológicas apontam 65% de chance da ocorrência de um *La Niña* fraco durante o verão do Hemisfério Sul, o que pode contribuir para o aumento das reservas hídricas na região semiárida brasileira, mas também elevar a necessidade de atenção à qualidade do mamão.

Exportação bate recorde na parcial do ano

Ao contrário do mercado doméstico, que esteve mais lento, os envios de mamão ao exterior aumentaram consideravelmente em 2017. Em termos de volume, os resultados parciais bateram recordes. De janeiro a novem-

bro, as exportações de mamão totalizaram 36,7 mil toneladas, quantidade 8,2% maior que a do mesmo período do ano passado, conforme a Secex. A receita obtida com esses embarques somou US\$ 38,6 milhões, valor apenas 1% inferior na mesma comparação. Apesar da redução da qualidade do mamão brasileiro, exportadores relataram que conseguiram atender a demanda externa, visto que as melhores frutas produzidas no País foram destinadas ao mercado internacional. O estado que mais exportou a fruta foi o Espírito Santo, seguido pelo Rio Grande do Norte e pela Bahia. Os embarques aéreos continuam sendo a principal via de exportação, correspondendo a 84% do volume total. Apesar de ainda utilizado, o transporte marítimo leva mais tempo e acarreta em maiores perdas de frutas; neste cenário, a importância dos envios aéreos está relacionada à manutenção da qualidade e à redução do desperdício pelo setor.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Variação (%)
Espírito Santo	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	4.790	4.070	-15%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Felix do Coribe	1.265	1.400	11%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaca, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabralia	5.600	5.000	-11%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.100	950	-14%
Norte de Minas	Janaúba, Jaíba e Montes Claros	1.050	1.050	0%

Fonte: Hortifruti/Cepea.

PREÇO E RENTABILIDADE CAEM COM PRODUÇÃO NA SAFRA

Números da MAÇÃ em 2017

+5%

Aumento da área em Fraiburgo (SC) em 2017/18

-46%

Queda nos preços médios da fuji na parcial do ano (janeiro-novembro)

81%

Aumento das exportações frente a 2016

-48%

Redução das importações frente a 2016 (janeiro-novembro)

Apesar de baixa rentabilidade, área 2017/18 pode aumentar

A estimativa do Hortifruti/Cepea para a área de maçã na safra 2017/18 é de 33.105 hectares, aumento de 1,7% frente à anterior. Até meados de 2017, a expectativa era de ligeira queda, devido aos baixos preços obtidos na temporada atual, que desestimularam os maleicultores, e à falta de crédito governamental. Além disso, a renovação dos pomares vem permitindo a redução do espaçamento entre as árvores, o que favorece a maior produtividade sem a necessidade de expandir a área. Dessa forma, a área com a fruta no Rio Grande do Sul deve se manter em 14.517 hectares por mais um ano. Entretanto, algumas empresas (que tiveram bom planejamento) de Fraiburgo (SC) e parte dos produtores de São Joaquim (SC) devem expandir as áreas em 2017/18, impulsionando o total. Em Fraiburgo, espera-se aumento de 5% da área apesar do clima mais ameno e de os problemas financeiros pressionarem a rentabilidade na maior parte da região. Em São Joaquim, a expectativa é de que a próxima safra registre 12.000 hectares, 2,5% maior frente à anterior. Esse aumento se deve ao crescimento da procura por pomares para arrendar nesta praça devido ao clima mais frio, propício ao cultivo da fruta. Além disso, produtores estão renovando áreas antigas. São Joaquim tem a maçã como a base de sua economia, o que faz com que maleicultores acreditem no potencial da cultura mesmo com as baixas rentabilidades neste ano.

Produção acima do esperado reduz preços e rentabilidade

A safra 2016/17 de maçãs registrou volume de 1,3 milhão de toneladas, recuperação frente à temporada anterior, que

foi de 831,6 mil toneladas, conforme a ABPM. O clima em 2016 foi favorável à produtividade, com inverno mais rigoroso e volume adequado de chuvas. Além disso, a amplitude térmica contribuiu para o bom desenvolvimento e a coloração das frutas. Dessa forma, a quantidade colhida de gala esteve próxima do volume histórico, mas a da fuji foi superior. A boa qualidade e o elevado volume da safra animaram maleicultores que, após a quebra de safra em 2015/16, acreditavam em recuperação da rentabilidade. A consequência, no entanto, foi a intensa desvalorização da maçã até agosto e preços abaixo do esperado no segundo semestre. De janeiro a novembro, a maçã gala graúda Cat 1 se desvalorizou 27%, enquanto para a fuji graúda Cat 1, a queda nos preços foi de 48%, na média de todas as regiões. Em novembro, o valor médio da gala foi de R\$ 54,73/cx de 18 kg, e o da fuji, de R\$ 46,65/cx, 36% e 46%, respectivamente, menores que no mesmo período do ano passado. Dessa forma, a rentabilidade na temporada 2016/17 foi menor que a esperada por maleicultores no início de 2017, mesmo que o custo unitário de produção tenha se reduzido, dado o aumento na produtividade. Além disso, a demanda enfraquecida ao longo do ano prejudicou a recuperação dos preços e a comercialização da maçã.

Exportações se recuperam após caírem pela metade

Em 2017, os embarques de maçãs foram finalizados em setembro, diferente do que aconteceu nos últimos anos, quando o término ocorria em julho. Neste ano, o volume expressivo de maçãs nacionais e a melhor qualidade quanto à coloração e aos calibres facilitaram as vendas ao mercado externo. Assim, neste ano, houve recuperação nas exportações, após caírem pela metade em 2016. A quantidade embarcada foi de 55,4 mil toneladas

EXPRESSIVA

2016/17

Isabela Fernanda Luiz

é analista de mercado de MAÇÃ.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Isabela sobre as projeções de maçã para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hientrevista



de maçãs (de janeiro a agosto), segundo a Secex, volume 81% maior em relação a 2016. A receita obtida com os envios, por sua vez, somou US\$ 41 milhões, 131% maior na mesma comparação. As vendas ao mercado internacional estiveram retraídas até meados de abril, devido a problemas de contrato de grandes empresas exportadoras. Porém, a recuperação em maio foi reflexo da maior participação de outras empresas e da menor remuneração interna para a fruta – que deixou os envios mais atrativos. A expectativa é de que, em 2018, os embarques sejam maiores que o esperado em função da quebra de safra na Europa, que deve reduzir a oferta da fruta estrangeira e aumentar os preços. Além disso, a abertura do comércio de maçãs com a Índia e a superação de entraves com a Rússia podem beneficiar ainda mais as exportações brasileiras. Espera-se, ainda, que a Índia seja o destino “número 1” da maçã nacional no próximo ano.

Com boa safra no Brasil, importações diminuem

A maior produção nacional e a boa qualidade da maçã brasileira neste ano supriram a maior parte da demanda interna e diminuíram a necessidade de comprar

a fruta do mercado internacional. Dessa forma, as importações recuaram em 2017. Em 2016, a quebra de safra elevou de forma considerável as compras, fazendo com que empresas realizassem contratos com outros países. Estes contratos fizeram com que as importações fossem expressivas até o início de 2017. Além disso, muitos importadores apostaram nas compras externas neste ano, que foram prejudicadas pela qualidade e pelo volume da safra brasileira; assim, esses agentes devem ser mais cautelosos em 2018. Até novembro de 2017, foram compradas 69 mil toneladas de fruta fresca, 48% a menos que o mesmo comparativo no ano passado, segundo a Secex. Os gastos somaram US\$ 65 milhões, baixa de 44% na mesma comparação. Apesar de as exportações terem se recuperado e as importações terem recuado expressivamente, a balança comercial do setor ainda está negativa.

Safra 2017/18 já sinaliza menor volume

A produção de maçã da safra 2017/18 – com colheita a partir de janeiro/18 – pode ser menor que a anterior. Agentes do setor, que realizaram análise do campo, esperam volume de 20% a

30% inferior, principalmente após geadas e granizos registrados nas regiões produtoras durante o período de frutificação. Outro fator que pode limitar a produtividade é a presença de pedúnculos mais curtos em função do frio ameno – o pedúnculo curto pode não proporcionar boa fixação, causando quedas das maçãs das árvores e gerando frutas com calibres menores. Além disso, devido à alternância de produção da fuji, o volume também deve se reduzir. De certa forma, a produção expressiva em 2016/17, sobretudo em São Joaquim (SC), causou problemas com armazenamento (o volume colhido ultrapassou a capacidade das câmaras), atrasando a colheita. Esse cenário reduziu o período de dormência das árvores, fazendo com que a recuperação de nutrientes fosse menos intensa para a nova safra. Além disso, o atraso se estendeu para a brotação e a florada plena em todas as regiões, devido à baixa incidência de chuvas no período. As horas de frio registradas nas regiões produtoras também foram insuficientes para uma brotação uniforme, com exceção de algumas cidades serranas.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017/18	Variação (%)
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	11.202	11.202	0%
Caxias do Sul (RS)	Caxias do Sul, Veranópolis, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha, São Marcos	2.176	2.176	0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	5.368	5.636	5%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Paineira, Bom Jardim da Serra, Bocaína do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	11.710	12.000	2%

Fonte: Hortifruti/Cepea

MANGA DO VALE EM 2017 RENTABILIDADE ENTRE

Números da MANGA em 2017

-38%

Queda da produtividade
da tommy em Livramento de
Nossa Senhora (BA)

-23,3%

Redução do custo
médio de produção em Minas Gerais
entre março e novembro

186%

Diferença entre o preço
e o custo médio unitário da palmer
no Vale do São Francisco (PE/BA)

163,9

mil toneladas

Exportações recordes
de manga na parcial de 2017
(janeiro a novembro)

Alta rentabilidade encoraja investimentos no Vale

Produtores de manga do Vale do São Francisco (PE/BA) estão animados com a cultura na região. Em 2017, a área plantada aumentou 5,5%, e tudo indica que uma nova expansão deve ocorrer em 2018, em virtude dos bons resultados obtidos com a atividade, com destaque para as exportações. Ainda que, na maior parte do ano, os preços médios das duas principais variedades (palmer e tommy) tenham se mantido abaixo dos de 2016, as cotações seguiram firmes, apesar do usual recuo dos valores a partir de setembro. Além dos preços em bons patamares, a recuperação da produtividade (de cerca de 8% para a palmer e de 15% para a tommy) permitiu a diluição dos custos de produção, favorecendo a rentabilidade de produtores. Neste cenário, mesmo no segundo semestre (período de pico de safra), os valores recebidos superaram os custos de produção das duas variedades, com destaque para a palmer, cujos preços médios permaneceram duas vezes acima dos custos em todos os meses do ano, exceto em novembro. Assim, o preço médio desta variedade na parcial de 2017 foi 186% acima dos custos de produção. Com isso, produtores estão animados para investir na cultura em 2018, tanto em termos de plantio quanto de rendimento dos pomares e qualidade das frutas, visando obter mais espaço no mercado internacional.

Investimentos garantem produtividade e redução de custos em MG

Os preços da manga no Norte de Minas Gerais foram positivos neste ano. Entre março e novembro, as cotações da fruta da região apresentaram apenas ligeiras flutuações frente ao movimento observado em 2016, refletindo as estra-

tégias para escalonamento da produção, que garantiram oferta controlada durante toda a safra. Investimentos em tratamentos culturais, um maior número de pés por área e a antecipação da produção (os pomares já começam a produzir com 20 meses) têm favorecido a qualidade e a produtividade da manga mineira. Os custos de produção também diminuiram 23,3% nesta temporada. Além do incremento da produção, consultores apontam a poda mecanizada como fator importante para a minimização dos gastos nas fazendas. As cotações na região permaneceram firmes em 2017, permitindo boa rentabilidade ao produtor, principalmente com a redução do custo unitário. Este ano, os preços estiveram 164% acima do valor mínimo estipulado por produtores para cobrir as despesas no período de março a outubro. Para 2018, as expectativas são positivas, e a colheita pode se iniciar já no início de março, elevando o número de frutas disponíveis no primeiro semestre. Com o aumento da oferta da região no começo do ano, produtores esperam obter bons resultados financeiros, já que devem concorrer principalmente com o Vale do São Francisco, cuja oferta é moderada nesse período.

Apesar das dificuldades em 2017, resultados são positivos em Livramento

A mangicultura de Livramento de Nossa Senhora (BA) foi novamente prejudicada pela falta d'água neste ano. A avaliação das florações do primeiro semestre já apontava baixo pegamento nos pomares de palmer e praticamente nenhuma resposta nos de tommy. Dessa forma, os primeiros volumes significativos de manga foram ofertados no início de abril, sendo a palmer a única variedade disponível no primeiro semestre. No geral, a oferta foi escalonada na segunda parte do ano, sobretudo pelas múltiplas floradas, sendo

TEM MAIOR OS HF'S

Rogério Bosqueiro Junior

é analista de mercado de MANGA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Rogério sobre as projeções de manga para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hfentrevista



o maior volume observado em setembro. Com o andamento da temporada, observou-se que nem mesmo as florações tardias geraram bons resultados, já que a escassez hídrica limitou o desenvolvimento dos pomares. Assim, entre abril e novembro, a produtividade média da palmer na região baiana foi de apenas 10 t/ha, queda de 31% frente aos meses de colheita de 2016, enquanto a da tommy foi de 10,3 t/ha (entre agosto e novembro), redução de 38% na mesma comparação. Diante da baixa produtividade, dos elevados investimentos para manutenção da irrigação (como a perfuração de poços) e do maior número de induções florais, os custos de produção aumentaram frente a 2016. Mesmo assim, os preços firmes ainda permitiram boa rentabilidade ao produtor: as cotações da palmer em 2017 tiveram média 163% acima dos custos, com margens superiores às do ano passado. Assim, apesar das previsões de manutenção de área, os bons rendimentos podem incentivar cuidados com os pomares em 2018, principalmente para minimizar os efeitos da seca. A expectativa é de que a oferta de manga da safra 2018 tenha início no final de fevereiro/início de março na região.

Adversidades climáticas alteram calendário paulista

A temporada 2017/18 de São Paulo começou com florações atrasadas. As aberturas, que costumam ocorrer entre maio e junho, foram observadas apenas entre junho e julho, devido às condições climáticas adversas no período. Assim, o início da colheita da tommy, que estava previsto para dezembro, foi antecipado para novembro, na tentativa de evitar concentração de oferta. Para a palmer, as atividades estão previstas para começar em janeiro. Agora, a principal preocupação é com o comportamento das cotações entre janeiro e fevereiro, pico de safra no estado. Como a oferta pode ser maior que a usual para o período, os valores podem recuar. No segmento industrial, as atividades foram iniciadas na segunda quinzena de novembro, devendo continuar até o encerramento da colheita paulista. Até o fechamento desta edição, os preços pagos ao produtor estavam entre R\$ 0,35 e R\$ 0,40/kg. Já com relação à safra 2016/17, que ocorreu entre novembro/16 e fevereiro/17, adversidades climáticas, com a ocorrência de geadas e elevada incidência de bacteriose, também limitaram os resultados. A média dos preços da palmer entre novembro/16 e março/17 em Monte Alto/Taquaritinga (SP) foi de R\$ 0,89/kg, queda de 28% em relação aos mesmos meses da temporada 2015/16.

A tommy, por sua vez, teve média de R\$ 0,55/kg de novembro/16 a janeiro/17, 26% menor na mesma comparação.

Exportações são recordes na parcial de 2017

Em 2017, as exportações de manga foram, por mais um ano, uma boa alternativa para o escoamento da produção das regiões de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e de Jaíba/Janaúba (MG). Entre janeiro e novembro, inclusive, os embarques foram recordes. A firme demanda da União Europeia controlou a oferta e manteve os preços em bons patamares no mercado doméstico. As exportações de tommy aos Estados Unidos no segundo semestre também tiveram bom ritmo, principalmente a partir de setembro. Na soma de todos os destinos, o Brasil exportou 163,9 mil toneladas de manga de janeiro a novembro, aumento de 16,1% em relação ao mesmo período do ano passado. Além dos destinos usuais, este ano, o Brasil passou a exportar manga à Coreia do Sul, sendo a principal exigência do país asiático o controle fitossanitário e o tratamento pós-colheita, além da adaptação das embalagens para transporte aéreo.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Variação (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) ¹	Petrolina e Juazeiro	25.750	27.170	5,5%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	12.000	12.000	0,0%
Monte Alto e Taquaritinga (SP)	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Talaçu e Itápolis	8.000	7.888	-1,4%
Andradina (SP)	Valparaíso, Mirandópolis, Andradina, Guaraçai e Muritinga do Sul	1.042	999	-4,1%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.600	6.060	8,2%

¹ Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada.

Fonte: Hortifruti/Cepea.

CRISE HÍDRICA LIMITA EXPANSÃO E ALTERA CALENDÁRIO

Números da BANANA em 2017

3%

Preço da nanica abaixo do custo no Norte de SC (agosto e outubro)

77%

Diferença entre o maior e o menor preço da prata em MG

46%

Aumento da área em Delfinópolis frente a 2016

-43%

Queda nas exportações frente a 2016 (janeiro a novembro)

Escassez de chuva impede maior aumento de área

Em 2017, a área de banana acompanhada pelo Hortifruti/Cepea deve totalizar 80.345 hectares, alta de 1% frente a 2016. O Vale do Ribeira (SP), Norte de Santa Catarina e Norte de Minas Gerais mantiveram a área frente ao ano passado. Em SP e SC, a manutenção se deve à falta de locais fora de reserva ambiental. No norte mineiro, produtores seguem animados com o setor, e a área só não aumentou por conta da irrigação limitada. Por outro lado, em Delfinópolis (MG), a área com banana se elevou em 46% frente a 2016 e os investimentos podem seguir firmes em 2018. Vale do São Francisco (PE/BA) e Bom Jesus da Lapa (BA) também tiveram aumento de área: 25% e 8%, respectivamente. Em contrapartida, os bananais do Rio Grande do Norte/Ceará diminuíram em 43% frente a 2016 devido à seca. O cenário hídrico ainda preocupa bananicultores. O Vale do SF é abastecido pelo reservatório de Sobradinho (BA), que registra níveis cada vez mais baixos. Produtores do Norte de MG também estão preocupados com a escassez hídrica, uma vez que a irrigação estava suspensa às quartas-feiras até o final de novembro. Deste modo, o clima do início de 2018 será determinante para decisão de novos investimentos na bananicultura - há possibilidade de 65% de ocorrer o *La Niña*, com intensidade moderada, segundo agências de meteorologia.

Forte desvalorização da nanica no 2º semestre pressiona rentabilidade

A expectativa para 2017 no Vale do Ribeira (SP) e no Norte de Santa Catarina era de oferta escalonada, sem grandes picos de disponibilidade de banana nanica, visto que as intempéries climáticas de 2016 interferiram no calendário de oferta.

No primeiro semestre, a expectativa se confirmou e os preços médios da nanica estiveram firmes - a R\$ 1,18/kg na praça paulista e a R\$ 0,72 /kg no norte catarinense. Contudo, o frio e a falta de chuva no início do inverno afetaram a qualidade. Já no segundo semestre, a disponibilidade se elevou, desvalorizando a nanica em ambas as praças - a forte concorrência com a prata também pesou nas cotações. Os preços no Norte de SC chegaram a ficar 3% abaixo do custo estimado em agosto e em outubro, registrando média de R\$ 0,31/kg em agosto e a R\$ 0,35/kg em outubro, valores 75% e 79% menores, respectivamente, frente ao dos mesmos meses de 2016. A baixa rentabilidade desestimulou investimentos. A partir de novembro, a oferta já começou a diminuir, o que possibilitou uma reação nas cotações.

Oferta de prata aumenta no 2º sem e preços ficam abaixo do custo

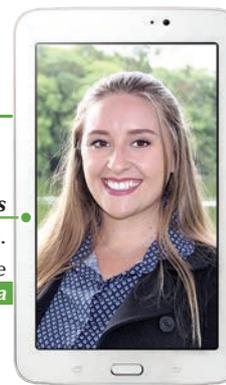
A oferta de banana prata esteve controlada no primeiro semestre de 2017, seguindo o calendário típico no Norte de Minas Gerais e Nordeste. Mas, como era esperado, a disponibilidade aumentou no segundo semestre. Porém, o pico de colheita da prata demorou um pouco mais para ocorrer e coincidiu em todas as praças produtoras em outubro, o que pressionou as cotações. Assim, a diferença entre o maior preço da prata em MG, que foi de R\$ 2,20/kg por diversas semanas em janeiro, e o menor, de R\$ 0,50/kg na primeira semana de novembro, foi de 77%. No norte mineiro, a desvalorização no segundo semestre foi tão intensa que a variedade foi vendida a valores 42% abaixo do custo de produção estimado em novembro. Mesmo assim, a rentabilidade média dos produtores do norte mineiro deverá ser positiva em 2017. Em Bom Jesus da Lapa (BA), por sua vez, produtores

DE ÁREA EM 2017

Giulia Gobbo Rodrigues

é analista de mercado de BANANA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Giulia sobre as projeções de banana para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hientrevista



conseguiram manter a rentabilidade positiva e passaram pelo período de elevada oferta sem grandes problemas. Já no Vale do São Francisco, os preços mais baixos já eram esperados pelos produtores. O volume nacional de prata não diminuiu nas roças de MG e do NE no início de novembro e 2018 deve começar com oferta controlada da variedade.

Exportações recuam fortemente em 2017...

As exportações de banana iniciaram o ano em queda, tendo em vista os bons preços da fruta no mercado doméstico. Na parcial do ano (até novembro), as exportações totais somaram 36,2 mil toneladas, volume 43% menor que o do mesmo período do ano anterior, se-

gundo a Secex. A receita obtida foi de US\$ 10 milhões no período, baixa de 52% na mesma comparação. Quando a produção da nanica aumentou nas roças catarinenses, principal origem da fruta destinada ao Mercosul, principal destino em 2017, e o preço diminuiu no mercado interno, a expectativa era de aumento nos embarques. Porém, quando exportadores tentaram enviar uma maior quantidade de banana aos países vizinhos, se depararam com uma concorrência acirrada da Bolívia e do Paraguai. O volume exportado ao Mercosul (de janeiro a novembro) foi de 32,8 mil toneladas, 24% menor que o de 2016. A vantagem do Brasil perante outros produtores sul-americanos é a menor distância. Desse modo, o menor custo do frete, a boa

qualidade e os preços atraentes tornam a fruta brasileira competitiva. Assim, produtores esperam que as exportações se recuperem ao Mercosul em 2018.

... e envios à UE cessam

O Rio Grande do Norte/Ceará tem as certificações exigidas para exportar banana à União Europeia. Contudo, além da diminuição de área, a crise hídrica prejudicou a qualidade, não atingindo o padrão. Assim, a venda de nanica à EU reduziu em 2017 e, até mesmo, cessou em agosto, conforme a Secex. Uma retomada nos envios só será permitida com a volta das chuvas, que podem garantir volume de água para irrigação.

Estatística de Produção - Banana*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2016	2017	Varição (%)
Vale do Ribeira - Registro (SP) ¹	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0%
Norte de Minas Gerais ²	Norte de Minas Gerais	12.900	12.900	0%
Delfinópolis (MG)	Delfinópolis	1.850	2.710	46,5%
Norte de Santa Catarina	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú, Schroeder e São Francisco do Sul	22.270	22.270	0%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória, Barreiras Norte, Barreiras Sul.	8.500	9.200	8,2%
Outros Perímetros Irrigados da Bahia	Ibipeba, Coribe, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Guanambi, Barreiras, São Desidério, Riachão das Neves	2.515	2.515	0%
Rio Grande do Norte e Ceará	Pólo exportador do Vale do Açu: Natal e Ipangaçu e Ceará: Limoeiro do Norte	3.500	2.000	-42,9%
Vale do São Francisco (BA/PE)	Juazeiro e Petrolina	3.000	3.750	25%

¹ Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

² Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteira, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteira, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelandia.

Fontes: Hortifruti/Cepea

ENQUANTO PREÇOS FICAM ABAIXO DOS NO SUL E SE, MG E VALE INVESTEM NA

Números da UVA em 2017

+45,1%

Aumento das exportações
frente a 2016
(de janeiro a novembro)

80%

Área de niagara
em São Miguel Arcanjo (SP)

-46,5%

Queda de área
em Marialva (PR) frente a 2016

-13,1%

Preços da niagara
abaixo do custo pela primeira vez
desde 2006 (de janeiro a maio)

Área diminui em 2017 mas pode se recuperar em 2018

Em 2017, a área de uva de mesa acompanhada pelo Cepea somou 23.023 hectares, queda de 4,5% frente ao ano anterior. Apesar dos investimentos em Pirapora (MG) (que fechou o ano com 280 hectares), houve forte queda no Paraná (-11,7%) e em São Paulo (recoo de 20% em Pilar do Sul e em Porto Feliz e de 10% na região de Campinas), que pressionaram a área de mesa total. Para 2018, a aposta inicial para a área de uva de mesa nas regiões acompanhadas pelo Cepea é de 23.043 hectares, possível aumento de apenas 0,1% frente a 2017, reflexo dos novos investimentos em Pirapora. Somente com a finalização da safra 2017/18, que se iniciou entre novembro e dezembro/17 no Paraná e em São Paulo, as intenções de redução ou aumento ainda serão confirmadas. No Vale do São Francisco é esperada manutenção da área em 2018, como já ocorreu em 2017, mas com investimento em novas variedades. No Rio Grande do Sul, a área de uva para a indústria em 2018 deve se manter em 40 mil hectares. Neste ano, ainda, a safra obteve o recorde de 753,3 milhões de quilos processados de uva, sobretudo devido às boas condições climáticas em 2016 durante o desenvolvimento das uvas.

Baixo volume do rio São Francisco preocupa produtores de MG e do NE

Com chuvas insuficientes nos últimos anos e o baixo nível dos reservatórios no decorrer do curso do rio São Francisco, viticultores de Pirapora (MG) e do Vale do São Francisco estão receosos quanto à produção no próximo ano, mesmo que a qualidade dos frutos não tenha sido afetada em 2017. Em Pirapora, região que ofertou exclusivamente a

variedade niagara entre junho e novembro, a área pode aumentar apenas 8% em 2018 – de 2016 para 2017, a elevação foi de 40%. A rentabilidade da safra 2017 foi positiva, sendo que o preço foi o dobro do valor mínimo declarado por produtores mineiros, mesmo com média de R\$ 4,76/kg (de junho a novembro de 2017) 3,8% inferior à dos últimos dois anos. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, com a boa rentabilidade, um aumento ainda maior da área cultivada poderia ser esperado. Porém, em decorrência dos baixos níveis dos reservatórios, parte dos produtores tem receio de um maior racionamento de água, visto que a irrigação estava proibida às quartas-feiras de junho a novembro. No Nordeste, nos municípios de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), o temor quanto ao nível do reservatório de Sobradinho, que teve a vazão reduzida para 550 m³/s em julho, pesou para a manutenção da área, mesmo com rentabilidade positiva da maioria das variedades. No entanto, em Petrolina/Juazeiro, muitas áreas com uvas tradicionais, como a itália, foram substituídas por novas variedades, o que demandou maiores investimentos.

Vale garante abastecimento interno e importações recuam

Nos últimos anos, especialmente a partir de 2014, novas variedades de uva têm sido introduzidas no Vale do São Francisco (PE/BA), especialmente para garantir duas safras ao ano, diluindo os custos. Dentre as sem semente, que já estão mais consolidadas, estão arra 15 e sugar crisp no grupo das brancas e que são patentes por grupos internacionais e a BRS vitória no grupo das negras, desenvolvida pela Embrapa. Em 2017, a maior parte dessas variedades entrou em plena produção. Com o clima favorável (sem chuvas) no primeiro semestre deste ano, a

CUSTOS VITICULTURA

maior presença dessas uvas sem sementes no mercado brasileiro limitou as importações no período – mesmo com a recuperação da safra e dos embarques do Chile, principal fornecedor de uvas de mesa ao Brasil. De janeiro a junho, o Brasil gastou US\$ 34,6 milhões (FOB) com as compras totais, queda de 7% frente a 2016, e o cenário pode se repetir em 2018, caso não sejam observados problemas na safra do Vale. Apesar de os preços das variedades brancas sem sementes (arra 15, thompson e sugar crisp) no mercado interno de janeiro a junho terem ficado inferiores à média do mesmo período de 2016, quando a oferta foi reduzida por conta do clima, os valores recebidos ainda estiveram 65% acima dos gastos estimados para a produção de um quilo da fruta. No caso das uvas com sementes, a Itália no contentor, que é ofertada o ano todo no Vale, foi comercializada a R\$ 2,53/kg de janeiro a outubro, valor 20% superior ao do custo de produção por unidade. Mesmo com a rentabilidade não tão elevada, a produtividade foi boa no período, de 23,7 t/ha por ciclo. O quilo da benitaka embalada teve média de R\$ 3,16 nos mesmos meses, valor inferior à média de 2016, mas superior aos custos.

Exportações devem fechar ano com recuperação

Com a possibilidade de se produzir duas vezes ao ano no Vale do São Francisco, dada a maior resistência das novas variedades à chuva, as exportações da região têm sido retomadas, inclusive no primeiro semestre – período atípico, mas que pode continuar sendo explorado em 2018. No primeiro semestre de 2017, foram vendidas quase 5 mil toneladas de uva ao mercado internacional, maior volume para o período desde 2007, segundo dados da Secex. Além da Europa, no primeiro semestre, o Oriente Médio se destacou e foi o destino de 1,4 mil toneladas, crescimen-

to de 66,8% em relação à primeira metade de 2016. No segundo semestre deste ano, a janela de exportações teve início em setembro e deveria se estender até novembro. Porém, em decorrência da antecipação do fim da safra europeia, do atraso da temporada africana e da menor produção no Peru, os exportadores brasileiros conseguiram estender o calendário. Assim, em decorrência do contexto internacional e da retomada das intenções dos produtores brasileiros, o volume exportado entre setembro e novembro foi de 37,1 mil toneladas, gerando receita 36,7% superior em relação aos mesmos meses de 2016. Seguindo a tendência de 2016, neste ano (janeiro a novembro) também foi destinado volume 156% maior para a Argentina, mas, principalmente de uvas com sementes, como red globe e Itália. Com os bons preços obtidos e caso o dólar continue mais valorizado frente ao Real espera-se que os produtores continuem voltados para o mercado externo em 2018 tanto no primeiro quanto no segundo semestre. Na parcial de 2017 (de janeiro a novembro), as exportações brasileiras de uvas frescas somaram 42,9 mil toneladas, volume 45,1% superior ao do mesmo período de 2016, segundo a Secex. O principal destino continua sendo a Europa (84%), mas outros mercados também têm sido explorados.

Clima afeta safra do Paraná

Produtores de Marialva e do norte do Paraná esperam obter bons resultados na safra 2017/18 para recuperar os prejuízos de temporadas anteriores. Em Marialva, por conta das baixas temperaturas no meio deste ano, as podas de junho tiveram que ser refeitas, situação que pode reduzir a oferta no final do ano. Porém, de modo geral, segundo produtores, com o bom desenvolvimento, as expectativas são positivas. Por outro lado, em Rosário do Ivaí, região produtora de uvas rústicas,

a produtividade deve ser menor neste fim de ano devido à falta de chuvas. Dessa forma, a área de uva no Paraná em 2018 só deve ser definida após a finalização desta temporada. Em 2017, houve redução de 11,7% no total produzido no estado em relação ao ano anterior – em Marialva, a diminuição foi de 46,5% frente à de 2016 e, nas outras regiões do estado, as áreas se mantiveram, já que houve forte recuo de 39,7% entre 2015 e 2016. A queda em Marialva foi resultado de sucessivas safras insatisfatórias, o que tem levado alguns produtores a adotarem outras variedades não tradicionais da região, como a núbria, e outros, a migrarem para outras culturas. Na safra do Paraná, que foi de dezembro/16 a janeiro/17, com as cotações da Itália na média de R\$ 3,99/kg não foi possível obter rendimentos positivos em decorrência do frio que afetou a brotação e, conseqüentemente, a produtividade. A safra temporã de 2017, que ocorreu entre abril e julho, iniciou com preços satisfatórios; porém, em maio e junho, fortes chuvas afetaram a produção de Marialva e do Norte do Paraná – a produtividade foi de apenas 11,6 t/ha em Marialva e a qualidade da fruta foi afetada em ambas as regiões, resultando em preços mais baixos. Na temporã do norte do PR (de maio a julho), o preço médio da Itália foi de R\$ 2,35/kg, 12% menor que o custo unitário estimado da variedade.

Niagara ocupa 80% da área em São Miguel Arcanjo

Desde 2014, produtores de São Miguel Arcanjo (SP) não registravam rentabilidade tão baixa como a da safra de final de ano 2016/17. Com o inverno mais longo e rigoroso em 2016, um bom volume de uva só foi colhido a partir de janeiro/17. Além disso, também por conta do clima, o rendi-

Henrique Sarmiento Aires

é analista de mercado de UVA.

A partir de dezembro/17, assista ao depoimento de Henrique sobre as projeções de uva para 2018 em www.hfbrasil.org.br/hientrevista



mento das videiras foi afetado, quebrando a sequência de boas rentabilidades. Dessa forma, de janeiro a abril/17, o preço médio da niagara foi de R\$ 2,67/kg e o da itália, R\$ 3,96/kg, valores respectivamente 19% inferior e 1% superior ao custo unitário. Assim, houve substituição de variedades finas por rústica (niagara), que necessitam de menos tratamentos culturais. Além disso, a área cultivada na última safra (2016/17) foi 18,2% menor em relação à 2015/16. Com essa situação, a niagara atingiu, em 2017, cerca de 80% da área destinada ao cultivo de uvas na localidade. Para a temporada 2017/18, a colheita começou pontual em dezembro, deve se intensificar em janeiro e seguir até março/18.

Rentabilidade diminui na maior parte de SP

Em 2017, a área de uva cultivada no estado de São Paulo foi 8,7% menor que a de 2016, somando 6.904 hectares. Para 2018, pode ser ainda menor, tendo

em vista que os resultados não foram satisfatórios em termos regionais. Em Jales, a safra única ocorreu entre julho e novembro, tanto para as variedades finas quanto para a niagara, e os preços médios foram de R\$ 3,18/kg e R\$ 3,64/kg, valores 30,7% e 25%, respectivamente, inferiores aos de 2016. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, com o menor volume de precipitações neste ano, a qualidade dos frutos foi inferior em parte da safra, pressionando as cotações. Dessa forma, a rentabilidade, ainda que positiva, foi um pouco limitada e alguns produtores paulistas têm buscado substituir algumas áreas por outras variedades de uva, como a BRS vitória; já outros cogitam reduzir o total cultivado em 2018. Na região de Campinas, mesmo com os bons preços da niagara na safra temporária/17, que terminou em julho, com média de R\$ 3,22/kg, a rentabilidade foi negativa, dada a alta nos custos com a baixa produtividade no período. Para a safra de final de ano de Campinas, que começou

em dezembro e deve se estender até fevereiro/18, mesmo com os altos custos, as cotações devem ficar em patamares elevados. Em Porto Feliz, a queda na área foi de 20% em 2017. Nesta região, a maior parte dos produtores preferiu não podar para a safrinha diante da rentabilidade negativa da safra 2016/17. Dessa forma, é esperada oferta cerca de 30% maior para esta safra de final de ano frente à temporada. Em Pilar do Sul, de janeiro a março, o preço de venda da itália foi de R\$ 3,57/kg, 13% inferior ao custo estimado e, dessa forma, a redução na área da safra 2017/18 pode ser de 20%. Em 2017, até mesmo a niagara teve rentabilidade negativa em alguns meses – o que não ocorria desde 2006, sobretudo no início do ano, quando houve concentração de safras e o consumo esteve enfraquecido. De janeiro a maio, os preços da niagara foram de R\$ 2,77/kg (média de todas as regiões paulistas), 29% menores que em 2016, e 13,1% abaixo dos gastos médios estimados no período.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Variedade	Área plantada (ha)		
			2016	2017	Varição (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	12.000	12.000	0%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	niagara	200	280	40%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e niagara	672	672	0%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina	480	384	-20%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e niagara	1.350	1.350	0%
Campinas (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva niagara	4.500	4.050	-10%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva niagara	560	448	-20%
Paraná (Total)	Região de Maringá com 29 municípios, região de Marialva, Cornélio Procópio e Ivaiporã	uva fina e niagara	4.346	3.839	-12%
Marialva (PR)	Marialva	uva fina	770	412	-46%
Região de Maringá (exceto Marialva)	Maringá	uva fina	108	108	0%
Região de Cornélio Procópio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e niagara	362	362	0%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva niagara	140	140	0%
Outros municípios		uva fina e niagara	2.966	2.817	-5%

Fonte: Hortifruti/Cepea.

NÃO ELEJA PRAGAS

ihara.com.br

Não deixe os insetos governarem sua lavoura. Confirme **ELEITTO**, o novo inseticida de **amplo espectro** com **ação de choque** e **longo residual**. Especialmente desenvolvido pela IHARA para a hortifruticultura, **ELEITTO** coloca sua produção em primeiro lugar.



Pode ser aplicado via terrestre ou aérea em qualquer fase da cultura, inclusive na florada



Pode ser aplicado próximo à colheita



Multipragas



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado do Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Eleitto

IHARA

**Agricultura
é a nossa vida**

Soluções BASF para hortifrúti.

Mais qualidade e produtividade para sua lavoura.

621



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições temporárias no estado do Paraná: Orkestra® SC para café e para o alvo *Ceratocystis paradoxa* na cana-de-açúcar; Forum® Plus para rosa; Polyram® DF para alho, cenoura, melancia, melão e para os alvos *Botryosphaeria dothidea* em maçã e *Alternaria solani* em tomate; Caramba® 90 para crisântemo, feijão-vagem, rosa e para os alvos *Phaeoisariopsis griseola* em feijão e *Puccinia graminis* em trigo; Imunit® para arroz; Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate e Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Caramba® 90 nº 01601, Collis® nº 01804, Dormex® nº 001095, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Delan® nº 01818604, Imunit® nº 08806, Kumulus® DF nº 02418592, Pirate® nº 05898, Polyram® DF nº 01603, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 002793, Herbadox® 400 EC nº 015907, Orkestra® SC nº 08813, Stroby® SC nº 03198 e Tutor® nº 02908.

0800 0192 500

facebook.com/BASF.AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Conheça o portfólio BASF para hortifrúti:

Fungicidas

Orkestra® SC*
Cabrio® Top*
Cantus®*
Forum®
Collis®
Tutor®
Forum® Plus
Delan®
Polyram® DF
Caramba® 90
Stroby® SC
Kumulus® DF

Inseticidas

Pirate®
Regent® Duo
Nomolt® 150
Fastac® 100
Imunit®

Herbicidas

Heat®
Herbadox® 400 EC

Regulador de Crescimento

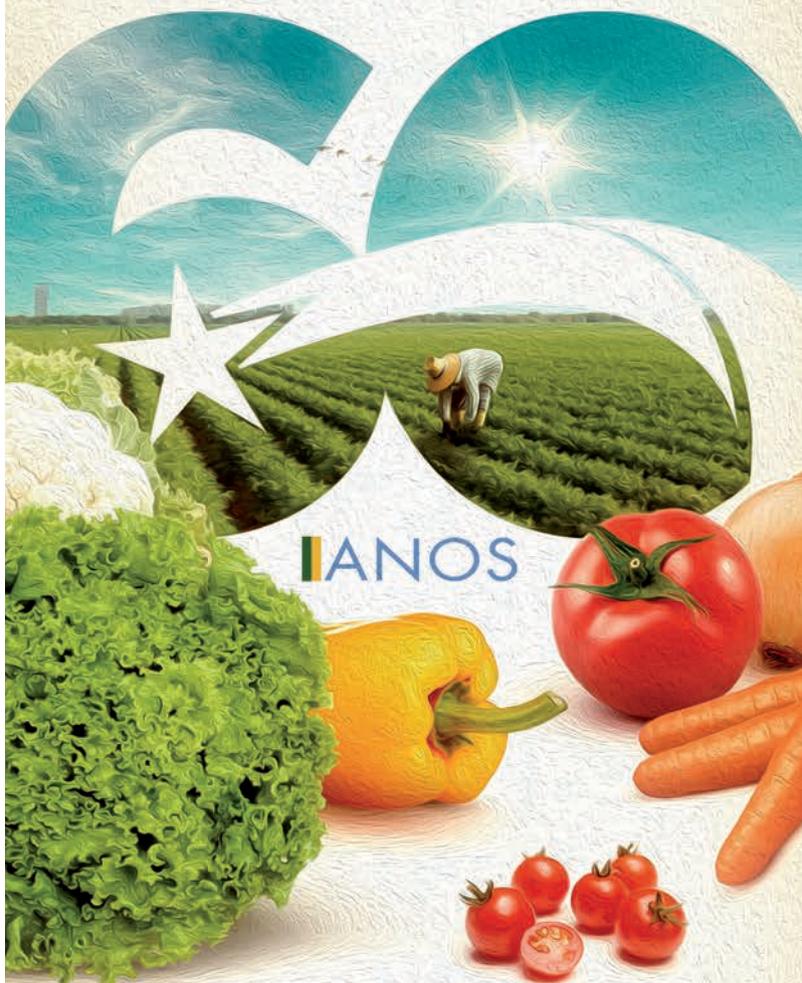
Dormex®

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ



IANOS

MOVIDA PELA PAIXÃO AO CAMPO
E PELO DESAFIO DE SUPERAR LIMITES.

1958
2018

LINHAS:

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA VIA SEMENTES

TOPSEED
TRADIÇÃO EM SEMENTES

TOPSEED
GARDEN
SEMENTES PARA SUA VIDA.

SUPERSEED
SEMENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ

NOVA STUDIO

A Agristar é movida pela paixão ao campo e pelo desafio de superar limites.

Em 2018, a empresa comemora 60 anos, uma trajetória marcada pela excelência de seus produtos e serviços, e por parcerias sólidas com cada um que faz do campo sua vida.

A Agristar é hoje uma das maiores empresas do país no desenvolvimento, produção e comercialização de sementes de hortaliças, flores e ervas.

Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar toda a tecnologia necessária para oferecer produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e principalmente em um amanhã cada vez melhor.



Que a **alegria, paz e prosperidade** se multipliquem em

2018

LINHAS:



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil